

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**A psicose não desencadeada: um programa de  
investigação clínica**

Cristina Frederico

2008



## **A psicose não desencadeada: um programa de investigação clínica**

Cristina Frederico

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Angélica Bastos Grimberg

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2008

# A psicose não desencadeada: um programa de investigação clínica

Cristina Frederico

Orientadora: Angélica Bastos Grimberg

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

---

Presidente, Prof<sup>a</sup>. Angélica Bastos Grimberg.

---

Prof<sup>o</sup>. Paulo Vidal.

---

Prof<sup>a</sup>. Ana Cristina Costa de Figueiredo.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2008

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Frederico, Cristina.

A psicose não desencadeada: um programa de investigação clínica / Cristina Frederico.

Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2008.

ix, 105 f ; 30 cm.

Orientadora: Angélica Bastos Grimberg

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2008.

Referências Bibliográficas: f. 100 - 105.

1. psicose . 2. psicanálise . 3. desencadeamento . 4. suplência . 5. psicose ordinária . I.Grimberg, Angélica Bastos. II.Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. III.Título

## AGRADECIMENTOS

A Angélica Bastos pela orientação precisa, pela sutileza no trânsito entre a teoria e a clínica e pela oportunidade de desenvolver essa pesquisa acompanhada de ótimas discussões e de sua generosidade.

A Ana Cristina Figueiredo pelo importante incentivo e por sustentar uma clínica psicanalítica dentro do Instituto de Psiquiatria da UFRJ.

A Marcus André Vieira pela transmissão da psicanálise ocorrida ao longo destes anos na Unidade de Pesquisa Práticas da Letra do Instituto de Clínica Psicanalítica da EBP-Rio e em outros espaços.

Aos professores Paulo Vidal e Ana Cristina Figueiredo por aceitarem participar da banca examinadora.

A Stella Jimenez pelas discussões no Núcleo de Topologia e pela orientação no trabalho do Instituto de Clínica Psicanalítica - EBP-Rio.

Aos estagiários e residentes do Instituto Municipal Philippe Pinel e especializandos do curso de clínica psicanalítica do IPUB pelo frescor de suas perguntas e convocação diária ao trabalho.

A Daniela Londe e Viviane Tinoco, parceiras de orientação.

Aos meus pacientes do IPUB e do IPPinel que diante do inalisável de seus sintomas eu aprendo o que tem de mais analítico.

A Andréa Vilanova, amiga e grande parceira no trabalho do Instituto de Psiquiatria da UFRJ e que juntamente com Mariana Mollica formam a dupla para discutir assuntos especiais. Aos meus antigos colegas do ICP e futuros companheiros da psicanálise. Aos meus amigos por serem tão fundamentais.

A minha família pelo carinho.

## RESUMO

A psicose não desencadeada: um programa de investigação clínica.

Cristina Frederico

Orientadora: Angélica Bastos Grimberg

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Esta dissertação investiga as psicoses não desencadeadas e, de acordo com a orientação lacaniana, visa situar os aspectos teóricos e clínicos que indicam a possibilidade de estabilização nesses casos. Procura demonstrar uma dimensão mais sutil das psicoses sem o caráter disruptivo do desencadeamento. O tema é abordado através de duas soluções encontradas pelos psicóticos: a compensação imaginária e a nomeação. A primeira é elaborada por Lacan nos anos 50, e a segunda - a nomeação - é encontrada nas últimas formulações de Lacan, sobretudo no seu seminário *O sinthoma* (1975-76), de onde se extrai uma clínica das suplências. Recentes formulações de autores lacanianos sobre o conceito de "psicose ordinária" também são discutidas. A prática psicanalítica em duas instituições de saúde mental e a construção de um caso clínico permeiam a discussão. A investigação nos leva a valorizar a variedade e o aspecto singular das formas de organização produzidas pelos psicóticos para encontrarem um lugar no mundo.

**Palavras-chave:** psicose, psicanálise, desencadeamento, suplência, psicose ordinária.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2008

## ABSTRACT

### Psychosis without an outbreak: a clinical investigation program

Cristina Frederico

Orientadora: Angélica Bastos Grimberg

*Abstract* da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

This dissertation investigates psychosis without an outbreak and, according to lacanian orientation it aims at determining theoretical and clinical aspects that indicate the possibility of stabilization in such cases. It seeks to demonstrate a more subtle dimension of psychosis without the disruptive character of an outbreak. This theme is approached through the two main solutions found by psychotic subjects themselves: an imaginary compensation and a naming process. The first one was theoretically elaborated by Lacan in the fifties and the second one can be found in Lacan's latest formulations, mainly in his book – *Le Sinthome* (1975-76) from which we can read a clinical approach to the so called surrogates. Recent lacanian authors' formulations on the concept of "ordinary psychosis" are also discussed. The psychoanalytical practice in two mental health institutions and a case building are presented in the discussion. This investigation leads us to value the variety and the singular aspect of the forms of organization produced by psychotic subjects to find themselves a place in the world.

**Keywords:** psychosis, psychoanalysis, psychotic outbreak, surrogates, ordinary psychosis.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2008

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<b>Capítulo 1 - A CONJUNTURA DO DESENCADEAMENTO NAS PSICOSES .....</b>	<b>16</b>
1.1 - <i>UNGLAUBEN</i> - A DESCRENÇA NO OUTRO .....	17
1.2 - O ENCONTRO COM UM-PAI .....	19
Metáfora paterna.....	20
O ponto de basta .....	23
O pai na psicose e o desencadeamento .....	24
Psicose e ordem das gerações .....	26
1.3 - FENÔMENO ELEMENTAR E ENIGMA NAS PSICOSES .....	27
1.4 - METÁFORA DELIRANTE .....	32
<b>Capítulo 2 - A DIMENSÃO IMAGINÁRIA NAS PSICOSES .....</b>	<b>38</b>
2.1 - A COMPENSAÇÃO IMAGINÁRIA .....	41
Bengalas imaginárias.....	41
"como se".....	44
2.2 - UMA APRESENTAÇÃO DE PACIENTES DE LACAN.....	46
Um sujeito à procura da imagem do semelhante - o caso Mlle. B.....	46
A vestimenta.....	51
Doença da mentalidade.....	52
<b>Capítulo 3 - DO NOME-DO-PAI AOS NOMES-DO-PAI .....</b>	<b>56</b>
3.1 - A PLURALIZAÇÃO DOS NOMES .....	57
O pai que nomeia enlaçando o nó.....	59
O nó e a sua foracclusão original.....	63
3.2 - FAZER-SE UM NOME.....	65
3.3 - CASO CLÍNICO - PARA QUE SERVE UMA LÍNGUA?.....	72
Usos da língua .....	80



Um nome como lastro .....	82
3.4 - PSICOSES ORDINÁRIAS.....	83
Um programa de investigação.....	89
CONCLUSÃO.....	96
BIBLIOGRAFIA .....	100

## INTRODUÇÃO

O conceito de psicose é relativamente recente. Deve-se ao espírito investigativo de Freud. Antes imerso em sua imprecisão, era ligado a toda ordem de doenças mentais. Impreciso também era o limite entre a neurose e a psicose, se bem que na prática permanece, apesar de Freud e apesar de Lacan. E assim deve permanecer. Mas isso não nos desobriga de investigar as psicoses não desencadeadas. Em primeiro lugar porque recebemos pacientes cuja psicose não se declarou, mas durante o tratamento nos dão provas de que suas organizações subjetivas não têm a mesma lógica da neurose e, sim, uma específica. E em segundo, porque podemos aprender muito com estes sujeitos.

Seguiremos a indicação freudiana de que na psicanálise tratamento e investigação caminham juntos. A investigação que pretendemos desenvolver em nossa dissertação elege o campo das psicoses não desencadeadas com o intuito de procurarmos situar quais os aspectos teóricos e clínicos que indicam como é possível o sujeito manter-se estabilizado antes do desencadeamento e, até mesmo, durante toda a vida. Situar o nosso trabalho como um programa de investigação tem o intuito de afastar a idéia da psicose não desencadeada como mais um diagnóstico.

Partiremos da própria clínica para abordar o tema de nossa pesquisa e não propomos fazer do estudo da psicose não desencadeada a sugestão de uma nova categoria diagnóstica como é o caso do *borderline*, pois acreditamos que a criação de uma nova classe não contribua para a solução de nossos problemas e também para o alcance de nosso objetivo. Propomos situar as psicoses não desencadeadas como uma das dimensões da experiência psicótica e uma das formas clínicas do sujeito psicótico se apresentar.

Freud não faz menção às psicoses sem desencadeamento em sua obra, pois privilegiou a paranóia, e nos ofereceu uma preciosa contribuição acerca da linguagem na esquizofrenia.

No ensino de Lacan, apesar da teorização sobre a psicose não desencadeada ser restrita, duas vias distintas podem ser mapeadas como entradas principais para tal abordagem: *o seminário III, As psicoses (1955-56)* e *o seminário XXIII, O sinthoma (1975-76)*.

No primeiro seminário, a possibilidade de uma psicose não se desencadear se daria pela compensação imaginária, e no segundo, o modo privilegiado seria a suplência

concebida a partir de um determinado enlaçamento dos registros real, simbólico e imaginário. Nessa última via, a nossa pesquisa privilegiará a operação de nomeação. Porém, tentaremos em nossa dissertação tirar novas conseqüências e articular as discussões expostas no âmbito dos dois seminários, entre outros seminários e textos de Lacan e comentadores.

Realizaremos com a teoria do desencadeamento proposta por Lacan um contraponto com as psicoses não desencadeadas apresentadas tanto em nossa clínica quanto nas últimas formulações de Lacan e comentadores sobre o tema.

A importância em se voltar para essas psicoses está em propor uma elaboração teórico-clínica através da psicanálise para recebermos os casos cada vez mais numerosos que chegam à instituição psiquiátrica e aos analistas em geral, e que apresentam um impasse no diagnóstico, se nos referirmos unicamente às repartições da clínica que são dirigidas pela presença ou ausência dos fenômenos ligados ao desencadeamento da psicose (Zenoni 2000).

Poder pensar a psicose e suas formas de organização, juntamente com uma proposta de atendimento analítico, permeou boa parte de minha experiência clínica e minha formação dentro do campo da saúde mental.

Atualmente trabalho no Instituto Philippe Pinel e no ambulatório do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, locais em que me deparo freqüentemente com uma diversidade de casos e formas de organizações subjetivas que trazem uma série de questões.

No I.P.Pinel, realizo um trabalho nas enfermarias, inclusive na enfermaria de crise, onde ofereço supervisão para alunos da residência em saúde mental e estagiários de psicologia, atividade esta que me impulsiona a pensar determinadas psicoses que muitas vezes são confundidas com um quadro de neurose, formas de psicoses em que a sintomatologia psicótica, a princípio, não é clara. Neste local deparei-me com uma série de paradoxos: nem sempre os que chegavam em franca crise eram psicóticos e, por outro lado, alguns psicóticos, mesmo estando internados por serem acometidos por algum mal-estar, eram tomados - tanto pelos profissionais e residentes em psiquiatria quanto pelos residentes e estagiários de psicologia - por neuróticos, pois não apresentavam uma eclosão de fenômenos psicóticos. Faz parte do interesse desta pesquisa aprender com estes paradoxos trazidos pela clínica e realizar uma elaboração teórica acerca destes casos.

O mesmo acontece em meu trabalho no Instituto de Psiquiatria da UFRJ, porém com a especificidade deste se dar em um ambulatório. Aqui surge à procura de

tratamento, entre outros, aquele psicótico que nunca precisou de uma internação e que nunca teve propriamente um surto. Muitas vezes, a sua condição psicótica passa despercebida pelos psiquiatras e pelo próprio analista que somente com tempo ou com uma determinada direção do tratamento lhe é possível reconhecer algo de um funcionamento psicótico em pequenos detalhes clínicos.

O sujeito não deixará entrever o que faz a singularidade de suas amarrações sintomáticas a não ser que o analista o acompanhe nesse desvelamento. (...) Se o analista acredita na neurose deste sujeito, ele manterá "sua vestimenta" de neurótico; no melhor, nada vai acontecer; no pior, uma interpretação irá tocar desastradamente na amarração precária que o analista descobrirá então (Deffieux, In: Miller *et al* 1998: 14).

Estamos chamando de psicose não desencadeada, as psicoses onde não há um desencadeamento. É uma questão saber se consideramos tais casos como uma psicose não desencadeada ou se é mais pertinente reconhecermos um outro tipo de desencadeamento psicótico que não o clássico. Essas psicoses caracterizam-se pela ausência de uma fenomenologia típica como as alucinações, alterações do pensamento e delírio evidente, mas nem por isso deixam de estruturar-se como uma psicose.

As psicoses não desencadeadas ou também chamadas *psicoses ordinárias*<sup>1</sup>, muitas vezes, podem se apresentar ao psicanalista com uma ausência de fenômenos clínicos ligados ao desencadeamento, e somente durante as entrevistas preliminares ou no tratamento em si algo da estrutura pode ser desvelado. E se ficarmos atentos para esta observação, poderemos encontrar e delimitar soluções singulares de alguns psicóticos quanto às suas formas de estabilização que lhes permitem manter inserções particulares no laço social, possibilitando a construção de um lugar frente ao Outro, tão difícil de ocorrer nas psicoses. E, deste modo, muitas vezes podem evitar um desencadeamento.

Sabemos que o diagnóstico em psicanálise é feito sob transferência a partir da relação do sujeito com o Outro e na maneira como ele é determinado pela linguagem; porém o diagnóstico em análise não está livre de equívocos, principalmente no caso das

---

<sup>1</sup> O termo *Psicose Ordinária* é originário das formulações sobre a psicose ocorridas em escolas de psicanálise ligadas ao Campo Freudiano.

psicoses não desencadeadas, pois “nada se parece tanto com uma sintomatologia neurótica quanto uma sintomatologia pré-psicótica” (Lacan 1955-56: 219).

Além disso, há uma tendência em associar psicose com desagregação, sem levar em conta a existência de uma concatenação de elementos mais ou menos discretos e de uma lógica própria à psicose que está presente para aquém e para além da crise (Rocha e Tenório 2004).

A psicose não desencadeada pode nos ensinar outras formas de organização e indicar como esses psicóticos podem alcançar um nível de estabilização, sem recorrer a uma metáfora delirante:

Pela via da metáfora delirante, nosso modelo de estabilização permanece no nível da compensação dos efeitos da forclusão do Nome-do-Pai, elemento que estabiliza, na neurose, a cadeia significante. Se passamos a um segundo momento do ensino de Lacan, onde o paradigma da subjetividade é a psicose, ou seja, onde o Nome-do-Pai é apenas um suplemento, entre outros, à forclusão generalizada, a uma falta estrutural no simbólico, passamos a pensar o problema das suplências, outro nome para a estabilização onde não houve um desencadeamento (Alvarenga 2000: 21).

O estudo das psicoses não desencadeadas traz a psicanálise para um foco diverso do que lhe é de costume. As leituras empreendidas sobre o tema da psicose em Lacan e em Freud dão primazia ao caráter disruptivo destas. Cabe, então, um esforço de leitura para extrairmos da teoria uma outra dimensão da experiência psicótica: uma dimensão mais discreta e mais sutil que se aproxima, em muitos aspectos, do que se costuma chamar de normalidade.

A abordagem da psicose não desencadeada nos oferece uma via para se interrogar a bipartição neurose e psicose, já que as fronteiras entre as duas estruturas clínicas, especialmente nestes casos, não se dão de forma clara e evidente, e, por vezes, nos parece arbitrária.

A psicose não desencadeada nos possibilita, assim, interrogarmos a direção do tratamento e os impasses na relação transferencial, o estatuto do desencadeamento nas psicoses, a contra-indicação lacaniana de recebermos "pré-psicóticos" em análise e, sobretudo, nos permite valorizar a construção de suplências e a variedade dos modos de estabilização nas psicoses.

No primeiro capítulo iniciaremos com uma revisão da contribuição de Freud ao mecanismo da psicose, a partir do termo recusa da crença, com o objetivo de pensarmos a relação da crença do sujeito psicótico no Outro. O objetivo maior deste capítulo é abordar a conjuntura do desencadeamento na psicose proposta por Lacan. Para isto discutiremos alguns pontos de base como a metáfora paterna, a forclusão do Nome-do-Pai, os fenômenos elementares e a experiência enigmática. Pesquisaremos a formulação de Lacan sobre os fenômenos elementares para interrogar se a experiência enigmática nas psicoses pode se dar em um período diverso do surto. A noção de ponto de basta também é abordada por considerarmos um instrumento clínico e teórico fundamental para tratarmos da psicose não desencadeada. Faz-se necessário informar ao leitor a utilização do termo ponto de basta não só para as formulações acerca da neurose, como também para as da psicose. O termo aparece também ao longo da dissertação com o nome ponto de capitonê. Por último, faremos uma elaboração da solução do paranóico através da metáfora delirante tendo como base o paradigma da esquizofrenia e não o da neurose.

No segundo capítulo trataremos da dimensão imaginária na psicose, sobretudo para pesquisarmos a modalidade da compensação imaginária indicada por Lacan como uma possibilidade de estabilização via imaginário antes do desencadeamento. Desta forma, nos deteremos na relação dual e a na identificação imaginária estabelecida pelo psicótico ao seu semelhante e nas formulações de personalidade "como se" de H. Deutsch, trazida por Lacan em seu terceiro seminário. Traremos um caso da literatura psicanalítica - uma apresentação de pacientes coordenada por Lacan: o caso Mlle. B - para discutirmos a tentativa fracassada de um sujeito psicótico em estabelecer uma identificação imaginária com o seu semelhante.

No terceiro capítulo analisaremos, dentro do limite que a nossa pesquisa nos impõe, a proposta lacaniana de outros significantes ocuparem a mesma função antes restrita ao Nome-do-Pai. Abre-se, então, o caminho para a reformulação da teoria do sintoma e a afirmação de uma clínica das suplências. Não temos o objetivo de tratar da reformulação do sintoma ao longo do ensino de Lacan, mas somente extrair algumas conseqüências da clínica borromeana para pensarmos, sobretudo, a função da nomeação. Para tal recorreremos ao último ensino de Lacan, em sua leitura sobre a obra de Joyce; no entanto, manteremos a circunscrição do tema da nomeação. Utilizaremos também, para isso, a ajuda de comentadores sobre o assunto. A escolha do caminho teórico nesse terceiro capítulo é delineada com o objetivo de discutirmos, pela via da

nomeação, um caso de nossa clínica. Estudaremos recentes formulações de autores lacanianos sobre o que eles chamam de "psicoses ordinárias" a fim de nos ajudar a pensar, entre outras coisas, formas de desencadeamento psicótico que não o clássico; e também a incidência de fenômenos elementares e o que J.-A. Miller denomina "desligamento do Outro" na psicose sem o desencadeamento. Por último, situaremos a nossa pesquisa dentro da proposta de Eric Laurent de seguir em frente com um programa de investigação das psicoses ordinárias.

É importante assinalar também que utilizaremos a delimitação feita por A. Guerra (2005) acerca do uso da terminologia laciana sobre as formas de estabilização e soluções psicóticas, localizando alguns termos. Eles são imprescindíveis para o nosso trabalho. Entretanto, eles se mostram confusos em sua delimitação. Sabendo que uma delimitação entre eles é complexa, faremos mesmo assim uma somente por uma questão de lógica e melhor apresentação do problema.

Seguindo a linha adotada por A. Guerra (2005: 179), nem toda solução (ou estabilização) é uma suplência (ou amarração) e, nem toda suplência (ou amarração) é um *sinthoma*. Portanto, segundo Guerra (2005), o *sinthoma* é o mais específico. Deste modo, todo *sinthoma* é uma suplência e uma solução. Poderíamos representar, assim, a lógica desta terminologia iniciando de fora para dentro, ou seja, com o termo mais geral para o mais específico → as soluções ou estabilizações → as suplências e amarrações → e finalmente, o *sinthoma*.

1. Soluções (ou estabilizações);
2. Suplência (ou amarrações);
3. *Sinthoma*.

## Capítulo 1 - A CONJUNTURA DO DESENCADEAMENTO NAS PSICOSES

Por que iniciar uma pesquisa sobre as psicoses não desencadeadas pelo próprio desencadeamento? Os fenômenos descritos por Lacan no seminário, *livro III as psicoses* (1955-56) e no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957-58a) estão essencialmente do lado do desencadeamento. Lacan contradiz ponto por ponto uma afirmação de Kraepelin sobre o caráter insidioso na paranóia e o de uma evolução contínua: "ela contradiz ponto por ponto todos os dados da clínica. Nada nela é verdadeiro. O desenvolvimento não é insidioso, há sempre acessos, fases. (...) Há sempre ruptura" (Lacan 1955-56: 26).

No entanto, apesar de Lacan enfatizar os fenômenos ligados ao desencadeamento, o importante é extrairmos a posição do psicótico em sua relação com o significante, pois, segundo Lacan, o essencial é apreender a dimensão estrutural desses fenômenos. E isto independe se o sujeito tem a sua psicose desencadeada ou não, numa evolução contínua ou com rupturas.

Iniciaremos a nossa pesquisa com Freud e o termo descrença (*Unglauben*) como uma tentativa de delimitar o campo da psicose em relação ao da neurose, pois acreditamos em sua pertinência para definir o mecanismo próprio da psicose e situar o caráter de exterioridade de algo que não foi primordialmente simbolizado. Além do mais, ele nos permite inferir, com Lacan, a respeito da crença ou da descrença do sujeito no Outro. E, com isso, situar a função da certeza na psicose.

Em seguida, entraremos no campo do desencadeamento propriamente dito definido como o encontro com Um-pai. Primeiramente veremos o lugar do Pai na metáfora paterna. Faremos uma primeira aproximação da noção de ponto de basta, essencial para a nossa pesquisa. Logo após, realizaremos uma abordagem do psicótico em sua dificuldade de se localizar na cadeia de gerações e faremos, com base num fragmento clínico, uma breve pontuação sobre uma saída diversa do delírio de filiação. Analisaremos o pai e a forclusão do Nome-do-Pai como mecanismo próprio da psicose, destacando a diferença do caráter da forclusão e do desencadeamento propriamente dito. Faremos uma discussão dos fenômenos elementares, privilegiando o caráter enigmático destes fenômenos e a resposta a este enigma como tendo um valor clínico. Por último, abordaremos a solução delirante da metáfora construída pelo paranóico através do paradigma da esquizofrenia, e nos perguntaremos sobre a função de nomeação desta metáfora.



### 1.1- *UNGLAUBEN* - A descrença no Outro

No final do século XIX, Freud ofereceu ao termo psicose a qualidade de conceito. O nosso interesse situa-se principalmente na forma em que o autor apresenta o problema da psicose. Freud atribui às psicoses um remodelamento da realidade, marcando um modo particular da relação da psicose com esta e, acima de tudo, demonstrando que esta relação é problemática não só para os psicóticos.

Apesar de não se referir em nenhum momento de sua obra à psicose não desencadeada, pois ele delimita o mecanismo da psicose especialmente através de um caso de paranóia, podemos extrair de seus textos algumas indicações precisas. Através do conceito de defesa, poderemos pensar a descrença do psicótico, a partir do termo *recusa da crença* utilizado por Freud para indicar o que ocorre com a paranóia. Posteriormente com Lacan, veremos que no lugar da descrença virá a certeza como elemento fundamental de organização da realidade do psicótico.

Nos artigos *As neuropsicoses de defesa* de 1894 e *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa* de 1896, Freud considera a psicose ao lado da histeria e da neurose obsessiva como uma “neuropsicose de defesa”. Os dois campos se aproximam em torno de um aspecto comum, que é a noção de defesa. Defesa contra o quê? Contra uma representação incompatível precisamente relacionada a algo de sexual a que o ego se opõe, abalando o equilíbrio do sistema psíquico e fazendo emergir, assim, os sintomas.

Nos casos de neurose, a defesa contra a representação incompatível é realizada através da separação desta representação e de seu afeto correspondente. Já em relação à psicose há uma defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. "Nela, o eu rejeita a representação incompatível juntamente com o seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas no momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como 'confusão alucinatória'" (Freud 1894: 63)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> No segundo artigo (1896), quando Freud pretende ampliar o campo de atuação do conceito de defesa, a afecção usada será a paranóia.

Na medida em que o eu rompe com esta representação incompatível, que está irremediavelmente ligada a um fragmento da realidade, ele também se desliga "total ou parcialmente" da realidade, e por não ter resíduos de realidade suficientemente organizados, sofreria todo o desprazer da vivacidade das alucinações (ibid: 64). Esta idéia de um possível desligamento da realidade será melhor desenvolvida nos artigos *Neurose e Psicose* e *A perda da realidade na neurose e na psicose* (Freud 1924) - onde Freud continua demarcando a diferença entre uma e outra estrutura clínica, ao afirmar que na neurose a defesa se dirige contra um fragmento do id, ao passo que na psicose a defesa se ergue contra um fragmento da realidade, sendo bem sucedida ao rejeitá-la. Podemos ver que o conceito de defesa também serviu como base para esta discussão.

Na neurose obsessiva é formada uma auto-acusação, também chamada de recriminação primária, que está ligada a experiências sexuais precoces vividas como prazerosas. A recriminação primária é recalçada, assim como a lembrança da experiência traumática, emergindo então um sintoma primário de defesa - a conscienciosidade. Este sintoma impedirá o ego de dar crédito às auto-recriminações que insistem em retornar, oferecendo ao obsessivo um período de aparente saúde, que não é nada além do que uma defesa bem-sucedida. Em seguida ocorrerá o fracasso desta defesa, surgindo o retorno das lembranças recalçadas - caracterizando o período da doença propriamente dita (Freud 1896b).

Ao contrário das neuroses em que há uma impossibilidade de considerar as representações incompatíveis como "*non-arrivées*" - pois o afeto e a representação correspondente estão no inconsciente e por isto não podem mais ser erradicados - na psicose o eu rechaça a representação, negando a sua existência, constituindo-se aí o que na época Freud chamou de abuso do mecanismo de projeção.

Em seu *Rascunho K* (1896a), Freud afirma que o elemento determinante na paranóia é o mecanismo da projeção. E que, ao contrário da neurose obsessiva, na paranóia há uma recusa da crença na recriminação primária: o recalçamento na paranóia<sup>3</sup>, paralelo ao da neurose obsessiva, ocorreria após a lembrança da experiência traumática<sup>4</sup> ter causado desprazer. Contudo, não há formação de auto-recriminação, e por ela não ser inscrita no sujeito, a acusação lhe chega de fora, sendo atribuída a outras

---

<sup>3</sup> Freud reconhece não saber como este recalque se dá na paranóia, indicando-nos que poderia haver uma especificidade no mecanismo da psicose. A introdução do termo rejeição (*Verwerfung*), na análise por Freud do caso do Homem dos Lobos em 1918, abrirá o caminho para a especificação desse mecanismo, embora Freud não o faça explicitamente (cf. "História de uma neurose infantil", vol. XVII, ESB, Rio de Janeiro: Imago, p. 107).

<sup>4</sup> A teoria da sedução era usada por Freud neste momento.

peças. O outro é responsável pelo desprazer, formando, deste modo, o sintoma primário da desconfiança, que com a evolução da doença, vai dar origem aos delírios de perseguição.

O sujeito não reconhece a auto-censura, e como consequência fica privado de proteção contra as auto-recriminações que retornam em suas representações delirantes (Freud 1896b: 172). Em alguns casos, o conteúdo mnêmico das representações delirantes retorna quase inalterado e de forma bruta, alterando-se apenas a sua localização psíquica. Em outros casos, o conteúdo das auto-recriminações sofre um deslocamento temporal: uma imagem análoga toma o lugar da que foi suprimida, e retorna sob a forma de alucinação verbal, "pensamentos ditos em voz alta" como diz Freud, deixando o sujeito à mercê do retorno daquilo que não foi simbolizado.

A impossibilidade de se defender contra aquilo que retorna proporciona uma nova formação de sintomas na paranóia. As representações delirantes, para serem aceitas sem contradições pela consciência, fazem exigências ao ego. E devido ao caráter de invulnerabilidade destas representações, é o ego que precisa adaptar-se a elas. Sendo assim, é impelido, através de um longo trabalho, a fazer tentativas de explicações que podem ser chamadas de delírios interpretativos (Freud 1896b) ou conciliatórios. Segundo Freud, são tentativas de explicar o mundo externo usando a crença como garantia. Lacan, em seu ensino, ao contrário de Freud, utilizará o termo certeza no lugar do termo crença para referir-se à paranóia.

O termo *Unglauben*, traduzido por descrença, é utilizado por Lacan para fazer referência à expressão freudiana, traduzida por *recusa da crença*, empregada, como vimos, para a paranóia. E o define como "ausência de um dos termos da crença, do termo em que se designa a divisão do sujeito" (Lacan 1964: 225).

A *recusa da crença* na recriminação primária, como uma tentativa freudiana de definir o mecanismo próprio da psicose, demonstra a sua pertinência. Aproxima-se muito do termo utilizado por Lacan, a saber, a *Verwerfung*, no intuito de delimitar o mecanismo da psicose. No entanto, Lacan não estabelece a relação direta entre eles.

## 1.2 - O ENCONTRO COM UM-PAI

A psicose é abordada por Lacan pelo registro da linguagem. Na década de 50, Lacan prioriza fundamentalmente as relações do sujeito com o significante, retirando a

psicose do registro da compreensão no qual estava inserida. Em sua abordagem, a ênfase recairá sobre a paranóia, pois é nessa que a ilusão da compreensão é maior. Assim, para tratarmos da psicose, Lacan (1955-56) propõe que partamos do mal-entendido fundamental.

Uma teoria do desencadeamento clássico é formulada por Lacan, em seu seminário sobre as psicoses (1955-56) e no artigo *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957-58), que são as suas duas grandes elaborações sobre o tema. Desencadeamento é um termo introduzido por Lacan no campo das psicoses e, mais precisamente, nos dois trabalhos acima citados. A referência são os fenômenos que causam uma descontinuidade no curso de uma psicose. Desta forma, torna-se difícil à primeira vista conjecturar, a partir deste referencial teórico, algo sobre as psicoses que não possuam em seu curso uma ruptura.

Nestes dois trabalhos o paradigma do desencadeamento é a psicose de Schreber, caso estudado por Freud e retomado por Lacan, onde temos um desencadeamento típico com todos os efeitos de catástrofe imaginária. Além disso, temos uma ativa produção delirante que desemboca em uma estabilização através de uma metáfora delirante. Porém, nos deparamos na clínica com casos em que a psicose se dá de forma mais discreta, criando um descompasso entre a teoria e a clínica.

Realizaremos uma apresentação das coordenadas do desencadeamento psicótico desenvolvidas por Lacan em seus dois grandes escritos sobre a psicose. Naquela época, a teoria lacaniana dava primazia ao registro simbólico e tinha como paradigma da construção subjetiva a neurose. A formulação sobre a psicose teve como referência o modelo neurótico. Portanto, para seguirmos na elaboração acerca das psicoses, vejamos inicialmente a constituição do sujeito na neurose e a incidência do significante Nome-do-Pai como o elemento organizador da linguagem.

### **A metáfora paterna**

O Nome-do-Pai é o instrumento da metáfora paterna que vem ordenar a estrutura neurótica, em que o sujeito é definido pela castração. Lacan (1957-58b) aborda em três tempos lógicos as etapas de constituição do sujeito na neurose, e afirma o Nome-do-Pai como elemento fundamental para o percurso edípico.

No primeiro tempo do Édipo, a criança identifica-se com o falo, objeto de desejo da mãe. A questão que se coloca é em termos de ser ou não ser o falo (Lacan 1957-58b: 197). A primazia do falo já está instaurada, mas o que a criança assimila do Nome-do-Pai ainda é incipiente. A mãe é aqui o Outro não marcado pela falta. Segue-se um segundo tempo em que se inscreve a operação simbólica da lei da castração, a lei do pai. A criança a recebe como aquela que priva imaginariamente a mãe. O pai, enquanto significante, como terceiro termo entre a criança e a mãe, se interpõe produzindo uma separação, um corte. Com isto, o Outro do sujeito se constitui como lugar da lei e instaura-se, assim, uma falta simbólica. A mãe, submetida à lei do pai, reenvia o seu desejo e revela a sua falta. O desejo passa a ser posto em termos de ter ou não ter o falo e o pai se revela como aquele que o tem. Estamos, então, no terceiro tempo.

Abre-se o caminho das identificações, e a criança busca o falo no pai, suposto detentor do objeto desejado. Mas como o objeto está alhures, o menino se identifica com o pai como ideal do eu, e busca, como ele, ter o falo. Assim, o complexo de Édipo se declina. A menina, por sua vez, toma o pai como objeto de amor, e buscará o que sabe não ter.

O pai não tem função alguma no trio, exceto a de representar o portador, o detentor do falo - um **ponto**, é tudo. (...) Isto é tão fundamental que, se tentarmos situar num esquema o que faz manter-se de pé a concepção freudiana do complexo de Édipo, não é de um triângulo pai-mãe-criança de que se trata, é de um triângulo **(pai)-falo-mãe-criança**. Onde estará o pai ali dentro? Ele está no anel que faz manter tudo junto (Lacan 1955-56: 358, grifo nosso).

Segundo Lacan (1957-58b), não importa se o pai como agente esteja ou não presente, o essencial na função paterna é que o sujeito tenha apreendido a dimensão do Nome-do-Pai e dele tenha se servido (p. 162-163).

Em seu texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957-58a), Lacan resgata na formulação da metáfora paterna o percurso do Complexo de Édipo. Inclui também a articulação freudiana de *Totem e Tabu* (1912-13) em que Freud estabelece os determinantes da origem da lei e da entrada na cultura. O Pai surge como representante da lei de proibição do incesto, a partir do assassinato do pai primevo, detentor de todas as mulheres. Com o seu assassinato e a instauração da lei, o

sujeito pode participar do mundo simbólico. Para Lacan, o Pai simbólico, como aquele que significa essa lei é o "Pai morto" (Lacan 1957-58a: 563). O pai como operador da metáfora paterna é um nome, o pai morto, na medida em que é mortificado pela linguagem. O lugar primordialmente simbolizado da ausência da mãe é apresentado na metáfora paterna pelo significante do Desejo da Mãe. Como este não tem nenhum significado, apresenta-se como um enigma.

O Nome-do-Pai na metáfora paterna, enquanto operação de substituição significante, nomeia o vazio enigmático do Desejo da Mãe como sendo o falo. Significado criado retroativamente pela metáfora paterna como resposta ao desejo enigmático da mãe, a significação do falo localiza o gozo da mãe e proporciona ao neurótico uma medida comum, uma realidade possível de ser compartilhada com os seus semelhantes.

$$\begin{array}{l} \text{Nome-do-Pai} \\ \text{Desejo da Mãe} \end{array} \cdot \begin{array}{l} \text{Desejo da Mãe} \\ \text{Significado para o sujeito} \end{array} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left( \begin{array}{c} \underline{A} \\ \text{Falo} \end{array} \right)$$

A função da metáfora se faz pela substituição de um significante por outro, em que um assume o lugar do outro na cadeia significante, enquanto o "significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia", e o resultado disso é um efeito de significação (Lacan 1957: 510).

É importante assinalar que o falo na operação da metáfora paterna é visto como significante. O falo como resposta àquilo que a mãe deseja, ao mesmo tempo em que encobre uma falta, a revela como falta no Outro. Diferente do falo imaginário ( $\phi$ ) do primeiro tempo do Édipo que tenta completar a mãe; ao tornar-se significante, o falo imaginário aparece negativizado ( $-\phi$ ) pela castração, e revela a falta-a-ser do sujeito (Lacan 1957-58a).

O que define a condição do sujeito tanto na neurose quanto na psicose depende do que se desenrola no Outro. O Nome-do-Pai, ao se inscrever no Outro, possibilita que este se torne o lugar do inconsciente. O Outro deixa de ser absoluto e o sujeito se implica nisso, podendo formular no Outro a questão relativa ao sexo e a sua existência (Lacan 1957-58a: 555).

## O ponto de basta

Lacan faz uso da oposição do significante e do significado retirada da teoria lingüística de Ferdinand de Saussure. Destaca a primazia do primeiro sobre o segundo: "O significante não faz apenas dar o invólucro, o recipiente da significação, ele a polariza, a estrutura, a instala na existência" (Lacan 1955-56: 295). Diante do algoritmo  $\frac{S}{s}$ , Lacan evidencia a barra na relação do significante sobre o significado e, com isso, indica a resistência da significação (1957: 519).

O Nome-do-Pai serve de ponto de basta ao organizar a cadeia significante, pois ele ata um significante ao outro entre a "massa sempre flutuante das significações" (Lacan 1955-56: 303), fixando um sentido.

O ponto de basta é retirado por Lacan da técnica do estofador. Nesta, é preciso que em algum ponto o tecido de um lado se prenda ao tecido do outro. Lacan (1957:17) oferece o exemplo da frase, pois quando a iniciamos antecipamos uma significação e o seu sentido lhe vem só depois, retroativamente no momento de sua conclusão.

Segundo P. Vidal (2005), o Nome-do-Pai presentifica a função diacrônica do ponto de basta, denominada por Lacan como uma pontuação. Diante de um texto contínuo, é exigido do leitor que o pontue com inscrição de vírgulas, pontos etc.. Já o Nome-do-Pai enquanto ponto de basta sincrônico, produzido metaforicamente, é o "significante da lei que dá conta das atribuições autorizadas, das nomeações legítimas". Este é um conceito, portanto, que envolve a teoria da nomeação (Vidal 2005: 124).

A questão é como produzir o ponto de basta sem ter a garantia do Nome-do-Pai para estabilizar a cadeia significante.

A crença é sustentada pelo Nome-do-Pai, é ele quem sustenta a crença no inconsciente e no Outro. Os neuróticos possuem na crença no Outro um testemunho da divisão do sujeito. Já os paranóicos, como vimos, no lugar da descrença (*Unglauben*), utilizam a certeza delirante, que lhes serve, muitas vezes, como ponto de basta para estabilizar uma realidade não assegurada pela significação fálica. Outros psicóticos, que podemos chamar de descrentes do Outro, não conseguem estabelecer uma certeza através do delírio, como é o caso de muitos esquizofrênicos, entre outros. Daí a valorização no trabalho com psicóticos de se encontrar o ponto de certeza para cada um.

## O Pai na psicose e o desencadeamento

A via que concerne ao registro de um significante primordial na psicose se dará de uma maneira diversa da neurose.

Tentemos agora conceber uma circunstância da posição subjetiva em que o apelo do Nome-do-Pai corresponda, não a ausência do pai real, pois essa ausência é compatível com a presença do significante, mas a carência do próprio significante (Lacan 1957-58a: 563).

Lacan propõe o termo foraclusão como equivalente ao termo rejeição (*Verwerfung*) retirado de Freud, em sua análise do caso do *Homem dos Lobos*. Na ocasião, Freud assinala uma rejeição específica da castração. Assim, Lacan define a estrutura psicótica a partir da foraclusão do significante primordial Nome-do-Pai. A não inscrição deste significante no Outro como lugar da lei, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica (Lacan 1957-58a). Desta forma, a realidade do psicótico é permanentemente ameaçada. Para Lacan, a *Verwerfung* refere-se a um

processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante. É no interior desse corpo primordial que Freud supõe se constituir o mundo da realidade, como já pontuado, já estruturado em termos de significantes (Lacan 1955-56: 174).

A foraclusão no simbólico enquanto ausência da inscrição do Nome-do-Pai se expressa por um excesso de gozo que produz seus efeitos. Segundo Lacan, trata-se aí de uma "desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida" (1957-58a: 565). Por que, então, a foraclusão como causa estrutural da psicose não se mostra suficiente para levar o psicótico ao desencadeamento?

Apesar de todo o mecanismo da foraclusão já estar em marcha no psicótico, é possível que os efeitos desta não se mostrem ainda evidentes, pois para que haja desencadeamento, no sentido lacaniano do termo, é necessário um apelo ao significante Nome-do-Pai no lugar do Outro, ou seja, que esse significante foracluído, "jamais



advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito”(Lacan 1957-58a: 584).

Lacan indica na passagem acima uma certa constelação de fatores, pelo menos duas causalidades diferentes para o desencadeamento: uma causalidade estrutural e uma causalidade contingente (Recalcati, 2003). A primeira é ligada a forclusão do Nome-do-Pai e a segunda ao encontro do sujeito diante de alguma situação em sua vida que o coloque em uma impossibilidade de mediação e resposta simbólica através do significante do Nome-do-Pai. Estas duas causalidades formam o que Lacan chama a conjuntura do desencadeamento (1957-58a).

A entrada na psicose se delinea no momento em que o sujeito encontra com Um-pai, uma exigência simbólica vinda do campo do Outro, que não pode ser acolhida pelo sujeito, e diante da qual este faz um apelo a um significante, não o encontrando. Em resposta ao seu apelo encontra um vazio da significação, um vazio enigmático em vez de um significante da lei. Para Lacan, o desencadeamento ocorre fundamentalmente através de “nada mais nada menos que um Pai real, não forçosamente, em absoluto, o pai do sujeito, mas Um-pai” (1957-58a: 584), ou seja, o desencadeamento surge quando o psicótico se encontra com algo que se apresenta para ele como um elemento heterogêneo, um elemento terceiro que abala a identificação imaginária e especular com o semelhante, rompendo o eixo imaginário a-a'.

Segue-se um processo chamado "cataclisma imaginário" marcado pela proliferação de fenômenos imaginários e por uma intensa rivalidade imaginária. "É a falta do Nome-do-Pai neste lugar que, pelo buraco que abre no significado, inicia a cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário" (idem: 584). Como exemplo, temos o período da doença de Schreber que ele caracteriza como "*assassinato d'almas*", quando "uma certa fissura apareceu na ordem de suas relações com o outro" (Lacan 1955-56: 238).

Em decorrência do acidente no simbólico causado pela forclusão do Nome-do-Pai, acrescenta-se, na ocasião do desencadeamento, uma eclosão de fenômenos típicos da psicose conhecidos como fenômenos de linguagem, dos quais são exemplares as alucinações verbais, os neologismos, entre outros fenômenos que atestam a quebra da cadeia significante.

Podemos encontrar na psicose uma hipertrofia do imaginário antes e após o surto. Antes do surto, o psicótico muitas vezes se prende a uma relação especular que o

sustenta na existência. E após o surto, posteriormente ao desastre do imaginário que desfaz as suas referências, o psicótico pode dar sentido à sua experiência enigmática pela via do delírio. O delírio é entendido aqui como um trabalho significativo com efeitos imaginários de construir uma nova realidade, podendo vir a assumir, em alguns casos, a função simbólica da metáfora através da metáfora delirante.

Lembremos que a elaboração de Lacan a respeito do desencadeamento na psicose se deu, em boa parte, a partir do caso Schreber estudado por Freud. Podemos reconhecer os dois momentos de ruptura de Schreber como um encontro com Um-pai: um desencadeamento se deu após o fracasso de sua candidatura a um Partido Nacional Liberal. Na ocasião se interna com uma crise de hipocondria, com idéias de emagrecimento. Notícias mais recentes indicam que a crise foi mais grave, compreendendo "manifestações delirantes não sistematizadas e tentativas de suicídio" (Carone, M. In: Schreber 1995: 12). O outro momento de ruptura ocorreu após a sua nomeação como Juiz-Presidente da Corte de Apelação. Entretanto, o desencadeamento com todas as suas implicações imaginárias e a presença de "fenômenos sobrenaturais" ocorreu mais especificamente após a viagem de sua esposa, em um período após a sua nomeação (Schreber 1995: 59).

Em seu primeiro desencadeamento, Schreber não conseguiu se adequar à tradição política de seus familiares, e no segundo, foi chamado a exercer uma função superior para a sua idade, pois seus colegas tinham vinte anos a mais que ele (Lacan 1955-56: 360). E com isto, encontrou-se diante da responsabilidade de assumir um cargo que o inseria no ápice da hierarquia legisladora. Lacan considera ter ocorrido neste caso uma perturbação da ordem das gerações: "Trata-se afinal de contas de saber se o sujeito se tornará, ou não, pai" (1955-56: 360).

### **Psicose e ordem das gerações**

A questão do pai aparece na psicose como tema crucial, pois o psicótico, devido à forclusão do Nome-do-Pai, não tem como responder à questão das gerações na medida em que o significante pai é o que proporciona uma ordem na linhagem, ao produzir uma série (Lacan 1955-56: 359). O Nome-do-Pai transmite uma filiação simbólica que nos insere em uma ordem significativa. Lacan nos oferece um exemplo de um sujeito cuja impossibilidade de assumir a realização do significante pai a nível

simbólico leva-o à redução da função paterna a uma imagem que não se inscreve em nenhuma dialética triangular, porém esta imagem lhe serve de "ponto de enganchamento" (p.233), ainda que seja no plano imaginário.

Segundo Lacan, a questão da geração está sempre prestes a surgir "como uma tentativa de reconstruir o que não é admissível para o sujeito psicótico" (1955-56: 344). O psicótico nos mostra que a existência do Pai e do Outro não estão dadas de antemão, e que às vezes é preciso um delírio de filiação para que ele possa produzir isso. É o que C. Soler (1997b) chama de "empuxo-ao-filho", ou seja, o que põe em série todos os casos de psicose em que aparece o tema do filho redentor, os delírios de ser o Cristo etc.; e afirma: "se há filho redentor é que há pai a salvar" (p. 203). Mas é possível ao psicótico construir uma filiação que não seja pelo delírio?

É o que perguntamos diante de um caso de nossa clínica<sup>5</sup> em que não há um delírio evidente; entretanto, como o tema da origem para ele é crucial, permanece às voltas com isto, e revela escrever em seus contos sempre uma origem para cada personagem. Segundo ele, todos os seus personagens têm a sua origem descrita desde a quarta ou quinta geração, um sobrenome e um local de nascimento. Assim, diante do que não lhe foi transmitido, produz de forma artesanal uma linhagem e uma origem.

### 1.3 - FENÔMENO ELEMENTAR E ENIGMA NAS PSICOSES

A característica de exterioridade da linguagem marca a posição do psicótico na sua relação com o Outro. Isto traz uma série de conseqüências para sua vida como também uma especificidade em relação ao seu tratamento.

"Com ele, sustentamos que convém escutar aquele que fala, quando se trata de uma mensagem que não provém de um sujeito para-além da linguagem, mas de uma fala para-além do sujeito" (Lacan 1957-58a: 581).

Desta forma, os fenômenos da psicose devem ser apreendidos em sua relação com a estrutura da linguagem que determina o sujeito psicótico. Segundo Lacan (1955-56), o psicótico é uma testemunha aberta do inconsciente, e por isso ele se fixa numa posição que o "coloca sem condições de autenticar o sentido do que ele testemunha e

---

<sup>5</sup> O caso será apresentado no último capítulo.

partilhá-lo no discurso dos outros" (p. 153). O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, mas é um testemunho encoberto que é preciso decifrar. Deste modo, o inconsciente na psicose não funciona através das formações do inconsciente e, sim, através daquilo que não foi simbolizado no sentido da *Verwerfung* e que aparece no real (idem: 21). Em sua elaboração sobre a psicose, Lacan se pergunta fundamentalmente sobre a relação do sujeito com o significante, e dirá que é desta forma que poderemos distinguir os fenômenos próprios à psicose. Sendo assim, os fenômenos da psicose são abordados através do que Lacan irá qualificar de fenômenos de linguagem.

Lacan recorre a algumas formulações de seu mestre em psiquiatria G. de Clérambault sobre o automatismo mental<sup>6</sup> e resgata o que este denomina ser o *caráter anideico* do automatismo mental. Assim, Lacan elabora a sua teoria sobre os fenômenos elementares. Para Clérambault, existe na psicose um fenômeno fundamental que não é passível de ser compreendido, e frequentemente surge como os primeiros sinais da psicose. Lacan possuía críticas à vertente mecanicista de seu mestre (1966a: 69), mas sabia lhe dar crédito diante de sua análise dos fenômenos da psicose que era, por sua vez, bastante próxima a uma análise estrutural: "quando um de Clérambault analisa os fenômenos elementares, procura a assinatura deles na sua estrutura (...)" (1955-56: 45).

O mérito de Clérambault foi ter mostrado o caráter *ideicamente neutro* dos fenômenos elementares; isto quer dizer que eles não são ordenados segundo uma seqüência de idéias (Lacan 1955-56: 14) e, assim, nenhum mecanismo afetivo basta para explicá-los. Para Lacan, não se trata nestes fenômenos daquele sentido que se compreende, deste modo, a psicose é ligada a uma relação do sujeito com o significante em seu aspecto formal de significante puro (Lacan 1955-56: 284).

Podemos pensar o fenômeno elementar como o retorno do significante no real. O seu exemplo mais característico é a alucinação verbal, porém, há possibilidades de se considerar outros fenômenos como intuições e interpretações delirantes, estados passionais, ilusões de memória, falsas percepções e sentimentos de estranheza (Lacan 1932), que tragam em si o caráter enigmático de um vazio de significação.

---

<sup>6</sup> O automatismo mental é uma síndrome descrita por Clérambault que comporta uma série de fenômenos psíquicos que ocorrem à revelia da vontade do paciente, sem que este os reconheça como seus, pois são atribuídos a uma ação e influência externa. Cf. "Definição do automatismo mental" (1924), extraído de *OEuvres Psychiatriques*, Paris, PUF, 1942.

Se o significante em si não significa nada, sendo esta a sua característica fundamental, podemos ter o retorno do significante no real através da experiência enigmática de um vazio de significação, uma significação que não vem de parte alguma e que não remete a nada, mas que diz respeito ao sujeito (Lacan 1955-56: 103). Trata-se de uma experiência de perplexidade em que no lugar do vazio se produz uma certeza, uma significação que se refere ao sujeito como uma revelação, porém com conteúdo indeterminado. Esta significação é chamada pelos clássicos da psiquiatria e retomada por Lacan (1932) em sua tese de doutorado com o termo "significação pessoal".

O caráter enigmático dessa experiência atesta a separação estrutural entre o significante e significado. E por causa da forclusão do Nome-do-Pai, essa separação torna-se mais evidente, apresentando-se como quebra da cadeia significante. Lacan (1975-76) referindo-se a escrita de J. Joyce, situa o enigma como uma questão de enunciação e diz que neste caso a "enunciação é o enigma elevado à potência da escrita" (p.150). As respostas que o sujeito irá dar ao enigma serão de alto valor clínico. A experiência enigmática pode, por exemplo, se situar no período que antecede imediatamente ao surto, e servir para dar ensejo ao delírio em uma tentativa de significação. Também pode surgir em outros momentos da vida do psicótico, sem que seja seguida por um desencadeamento.

C. Soler (1997a) aposta que é por uma via diversa da alucinação que a experiência enigmática se apresenta em J. Joyce, pois sem alucinação verificada, ela aparece em seus textos sob o nome de epifanias que são escombros do discurso extraídos de seu contexto e tomados por Joyce como uma súbita manifestação espiritual. A autora acredita que Joyce não alucina justamente por empreender um modo metódico para lidar com as epifanias:

Menos assentado pela linguagem do que mestre desta, ele chega a se fazer o passador da significação languageira em direção ao não-sentido de língua e vice-versa. Assim Joyce, (...) consegue elevar a experiência enigmática da significação ao posto de procedimento artístico (p.10).

O fenômeno elementar é, para Lacan, como se fosse o sintoma da estrutura, e por isto não podemos tomá-lo por si, isoladamente. Lacan sublinha uma homologia entre o fenômeno elementar e a estrutura do delírio, e afirma que ambos têm uma mesma força constituinte (1955-56: 28). Diante desta afirmação, E. Laurent propõe ser possível

considerarmos o surgimento do fenômeno elementar acompanhado de uma experiência enigmática em um período anterior ao surto, o que nos permite falar em psicose sem o desencadeamento.

É o que torna sem dúvida nenhuma possível falar, em Lacan, de uma experiência enigmática nos fenômenos elementares que precedem o desencadeamento, e que é sem dúvida legítimo falar de psicose não desencadeada (Laurent 1993: 47).

Apesar do fenômeno elementar e o delírio terem a mesma estrutura, Laurent sinaliza a diferença entre alguém ter um fenômeno enquistado durante trinta anos e um delírio completamente desenvolvido, pois é necessário considerar a marca diferencial da experiência descontínua do desencadeamento (ibid.).

Interessado em observar a variedade com que se apresentam as alucinações verbais nas *Memórias de Schreber*, Lacan (1957-1958a) faz uma distinção entre fenômenos de código e fenômenos de mensagem.

Aos fenômenos de código provenientes de um Outro, pertencem às vozes, os neologismos, os fenômenos em que o vazio de significação predomina - ou seja, quando o significante aparece absoluto e sem sentido algum. Eles testemunham que o psicótico não se organiza diante de um ponto central, um ponto de basta, que possa amarrar a circulação significante. E por conta disto ocorre uma circulação indiscriminada pelos significantes, sem que nenhuma significação lhe seja satisfatória. Por outro lado, cada significação se apresenta de forma absoluta. Esses fenômenos, como as vozes ouvidas por Schreber pelos "pássaros falantes", se situam no limite da significação, e podem tornar-se "resíduos, dejetos, corpos vazios" (Lacan 1955-56: 293). O significante no real, quando apresenta-se sob a forma da cadeia rompida (Lacan 1957-58a: 542), ou seja, quando não se liga a novos sentidos como no delírio, fica desprovido de seu revestimento imaginário e aparece em sua dimensão objetual como resto (Muñoz 2005).

A intuição delirante também faz parte dos fenômenos de código e vem marcada com um caráter de certeza, nela, a certeza substitui o vazio da significação.

trata-se, na verdade, de um efeito do significante, na medida em que seu grau de certeza adquire um peso proporcional ao vazio enigmático que se

apresenta inicialmente no lugar da própria significação (Lacan 1957-1958a: 545).

O que caracteriza as construções delirantes não é, portanto, a crença em sua realidade, mas a certeza. Uma certeza inabalável que, por seu caráter de não dialetização, é considerada um dos fenômenos elementares da psicose.

A significação fálica, por trazer a marca da castração, introduz o neurótico numa ordem compartilhável, porém sempre aberta à dúvida e à incerteza. Já o psicótico, para compensar o vazio de significação produzido pela descrença na recriminação primária, compensa com a certeza, a crença que não se deu.

Segundo Lacan, a realidade do dito do psicótico não está em causa. Muito frequentemente o sujeito não acredita tanto, como pensamos, na realidade de sua construção delirante: esta pode mudar ou então pode ser vaga. A certeza não está bem aí. O que está presente é a certeza de que algo lhe concerne (Lacan 1955-1956).

Lacan (1957-58a) considera como fenômeno de mensagem o que ele chama de mensagens interrompidas. É o que Schreber chama de "sistema do não-falar-até-o-fim", que seriam pensamentos incompletos e inconclusos em si mesmos. Seria o que os clássicos chamam de "bloqueio do pensamento", explicado por uma acentuada perturbação no vínculo associativo. Destacamos um exemplo dado por Schreber: "Agora eu vou me". A continuação da frase é posta de lado e é deixada aos seus "nervos" a tarefa de completá-las. Entretanto, Schreber oferece ao leitor a continuação que antigamente era de fato pronunciada, mas que agora vem no real através de seus nervos: "Agora eu vou me render ao fato de que sou burro" (Schreber 1995: 176). As frases se interrompem exatamente no ponto em que poderia se dar a posição do sujeito dentro da sua mensagem. No entanto, o "vocábulo pleno" que estaria faltando para dar sentido à frase, não deixa de estar implicado (Lacan 1955-56: 293).

Com esses fenômenos de linguagem, Lacan atesta a predominância da função do significante sobre a do significado, demonstrando também que a relação entre os dois é sempre fluida e pronta a se desfazer.

#### 1.4 - METÁFORA DELIRANTE

Para podermos valorizar a solução do paranóico na metáfora delirante, optamos por partir, e tomar como base, o parâmetro da esquizofrenia, em vez do paradigma da neurose. Tomando o parâmetro da esquizofrenia, podemos ver que o esquizofrênico, sem o recurso do delírio - em sua forma sistematizada e produtora de sentido - não produz a defesa diante da invasão do Outro. Assim, o gozo do Outro não tem corpo e nem definição. Se tivermos como parâmetro o Outro da esquizofrenia e não mais o Outro da neurose, podemos reconhecer mais facilmente a solução do paranóico. Uma solução tanto quanto o Édipo é uma solução para o neurótico<sup>7</sup>.

J.-A. Miller (1985) ao falar dos fenômenos esquizofrênicos como dispersão e desaparecimento do significante que viria organizar a cadeia significante - denominado "significante mestre" - diz que "especialmente no caso da esquizofrenia veremos emergir o que Lacan chama de *enxame de significantes*; pois desta vez irremediavelmente disperso" (p.24). Afirma também que na esquizofrenia trata-se de uma "pluralização do significante mestre" (p.24), uma pluralização que equivale a sua desaparecimento. Podemos dizer que a dificuldade do esquizofrênico em se fazer reconhecer parta da sua descrença no Outro?

É nesta perspectiva que Miller (1996) vai propor uma "clínica irônica", baseando-se na "ironia do esquizofrênico", na medida em que a ironia é considerada como aquilo que diz que o "Outro não existe, que o laço social é uma escroqueria, que não há discurso que não seja de semblante" (p.191). Ao longo desta argumentação, a esquizofrenia vai ser situada como a medida da psicose.

Sabemos que a oposição entre paranóia e esquizofrenia, tanto na teoria quanto na experiência clínica, é cheia de nuances de um para o outro. Freud (1911), no escrito sobre o caso Schreber, propõe conservar a paranóia como uma entidade clínica apesar dos possíveis intercâmbios com a esquizofrenia. Freud diz que um doente pode começar por apresentar sintomas paranóides e evoluir até a demência precoce; propõe, então, duas possibilidades: uma evolução da paranóia até a esquizofrenia; e uma combinação de fenômenos paranóides e esquizofrênicos em todas as proporções possíveis. É neste caminho que se situa o diagnóstico de Schreber, o de uma demência paranóide.

---

<sup>7</sup> Argumento extraído das discussões coordenadas por Marcus André Vieira acerca do Outro da esquizofrenia, realizada no âmbito do seminário "caso-de-polícia" da Unidade de Pesquisa Práticas da Letra, ao longo do ano de 2004, no Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro.



Atualmente temos alguns autores que consideram a possibilidade de uma paranoização, que seria um processo percebido na evolução de uma esquizofrenia. Este processo se diferenciaria da paranóia pura, mas em ambos os casos, haveria uma fixação de um significante mestre que representaria o sujeito (Quinet 2002). Podemos pensar que há uma tendência a se delirar como forma de organizar o caos, já que o delírio é produção de sentido.

Na medida em que se nomeia um perseguidor, o paranóico produz uma limitação ao Outro. Este princípio de limitação é visto principalmente na metáfora delirante em que o psicótico pode vir a se nomear e se reconhecer diante do Outro. Outro aqui entendido como uma estrutura, uma certa montagem, ou seguindo a definição de Lacan (1955-56), o Outro sendo "aquilo diante do que vocês se fazem reconhecer. Mas vocês só podem se fazer reconhecer por ele porque ele é em primeiro lugar reconhecido" (p. 63). Podemos identificar no paranóico uma espécie de solução, a partir, é claro, de um registro não-fálico, solução diante da dificuldade do psicótico de se fazer representar por um significante, por mais que consideremos esta resposta instável e, por vezes, problemática.

Segundo o modelo de Schreber, o paranóico visa restaurar a ordem do mundo a partir da produção de uma significação delirante que terá função de metáfora paterna de substituição. Ao significante enigmático da perplexidade, o sujeito responde por uma produção de saber que restaura o encadeamento do significante, dispersando o peso de gozo do Outro no relançamento metonímico e lhe dando uma versão mais ou menos pacificada de sua posição (Borie 2006: 216).

O modo vislumbrado por Freud como a possibilidade de o paranóico reinvestir no mundo, de "poder viver nele mais uma vez", se faz pela construção delirante, como uma tentativa de cura (1911: 94-95). Freud situa o delírio como um "remendo no lugar que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo" (1924: 191). Podemos ver aqui o primeiro esboço da noção de suplência de uma realidade perdida. Freud elevou o delírio a uma tentativa de cura e lhe atribuiu uma positividade. O delírio, em suas formas clássicas como o de perseguição, a erotomania, a megalomania e o de ciúmes, é o modelo norteador da construção do sujeito psicótico em boa parte da teoria freudiana e lacaniana das psicoses.

Com a introdução da segunda tópica na teoria freudiana, surge uma nova leitura da psicose. No artigo *Perda da realidade na neurose e na psicose* (1924), Freud afirma

que há perda da realidade tanto na neurose quanto na psicose, e demonstra, com isso, que o problema não é somente o conflito com a realidade, mas o modo pelo qual é possível substituí-la e construir uma nova realidade. Na neurose, um fragmento de realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose há um remodelamento da realidade.

Segundo Quinet (2003), esse parentesco entre neurose e psicose com respeito à realidade "permitiu a Lacan a afirmação: *todo mundo delira*, já que todo mundo tem uma suplência para sustentar uma realidade" (p.57). E, além disso, afirma ter sido nesta perspectiva que Miller avançou na teoria da *foraclusão generalizada*.

Esta é uma tese de Lacan, elaborada por J.-A. Miller, que veremos no terceiro capítulo. Mas no que se refere à realidade, podemos adiantar que nesta abordagem não haveria realidade em si. Diante de uma generalização da foraclusão, de um vazio estrutural no campo da linguagem, se colocaria para todos a tarefa de construir uma realidade psíquica. Assim, a realidade estaria desde sempre perdida. Nessa perspectiva, não poderíamos pensar a perda da realidade como algo exclusivo do psicótico no momento do surto. E a atenção volta-se, então, para o modo como cada um irá construí-la. A realidade psíquica, como invenção freudiana, é situada por Lacan em seu seminário *RSI* (1974-75) como um quarto elo, como algo que viria a mais para enlaçar os três registros da experiência psíquica - o real, o simbólico e o imaginário.

O que fez Freud? Vou contar. Fez o nó com quatro a partir dos seus três, esses três que lhe suponho armadilha. Mas, então, eis como procedeu: inventou algo a que chamou realidade psíquica. (...) Foram necessários a Freud, não três, o mínimo, mas quatro consistências para que isso se sustentasse, a supô-lo iniciado na consistência do simbólico, do imaginário e do real. O que ele chama de realidade psíquica tem perfeitamente um nome, é o que se chama Complexo de Édipo. Sem o Complexo de Édipo, nada da maneira como ele se atém à corda do simbólico, do imaginário e do real se sustenta (Lacan, lição de 14/01/75).

Freud propõe que a criação de uma realidade na psicose é realizada sobre os "precipitados psíquicos de antigas relações com ela - isto é, traços de memória, as idéias e os julgamentos anteriormente derivados da realidade" (Freud 1924b: 232). Freud, com esta afirmação, nos ajuda a pensar a realidade constituída por uma trança de

significantes (Lacan 1955-56: 283). E nos oferece dicas de como pensar a invenção nas psicoses, na medida em que, segundo a concepção de J.-A. Miller (2003a), a invenção não partiria do nada, da criação *ex-nihilo*, e sim, a partir de "materiais existentes".

Como dissemos, optamos por tomar a solução delirante do paranóico pelo parâmetro da esquizofrenia, de modo a tentar valorizá-la mais. Mas é importante, mesmo assim, tentar extrair algumas indicações preciosas do modo pelo qual Lacan construiu a definição de metáfora delirante. A solução delirante de Schreber é descrita por Lacan a partir de um esquema, chamado *esquema I* (Lacan 1957-58a: 578), que serve para abordar o caminho da estabilização de Schreber. Desta forma, este esquema é específico da solução schreberiana, e trata-se de um modelo baseado na neurose, na medida em que é um desdobramento do *esquema R* (ibid.: 559) utilizado para expor o campo da realidade na neurose. Não iremos expor os dois esquemas e nem apresentar o caso Schreber, mas tentaremos extrair algumas implicações da elaboração de Lacan. A nossa atenção recairá, sobretudo, sobre o questionamento de um estatuto da nomeação na metáfora delirante.

A realidade na psicose descrita por Lacan em seu ensino da década de 50 (1955-56; 1957-78a), pode ser pontuada em três momentos específicos: Antes do surto, a realidade seria sustentada por "bengalas imaginárias"; no momento do surto, haveria uma dissolução da realidade descrita por Lacan como um cataclisma imaginário. Após isso, ocorreria uma tentativa de restabelecimento e reconstrução do mundo através do trabalho delirante. Mas, como sabemos, nem todo delírio leva a uma metáfora delirante.

De uma forma bastante resumida, descreveremos algumas passagens do caso Schreber com o intuito de circunscrever a sua metáfora delirante "Mulher de Deus".

Um pouco antes de ser internado pela segunda vez, Schreber (1995) tem a idéia de "como seria belo ser uma mulher se submetendo à cópula", idéia repelida por ele e que o lança em um grave desencadeamento de sua psicose. Passa por um período intenso de morte subjetiva. Começa, então, a escrever as suas *Memórias* que mais tarde seriam publicadas. Quanto ao advento da metáfora delirante de Schreber, este ocorreu depois de um longo período após o início de sua construção delirante, mais precisamente em um tempo após ele ter tido a alucinação cujo conteúdo era a palavra *Luder*, sua tradução não é um consenso, mas poderia ser traduzida por *carcaça* (Muñoz 2005), *rameira* ou *safada*. A partir daí ele passa a aceitar a sua condição de mulher que deixa de ser um sacrifício para ele, mas, ainda assim, levará algum tempo de trabalho delirante para que ele encontre a sua estabilização na metáfora delirante "Mulher de Deus".

Na alucinação *Luder* vinda da língua fundamental e proferida pelo Ariman, o "Deus inferior" (Lacan 1957-58a: 579), temos um significante que vem conjugado ao objeto *a*, assim este nome concerne diretamente ao ser do sujeito. Posição que o remete para a condição de objeto do Outro, no caso o seu Deus. Schreber permanece mais um tempo em construção delirante, que lhe proporciona reatar a cadeia significante e encadear o significante *Luder* a outros significados. Até chegar a sua metáfora "Mulher de Deus". Após a sua estabilização, o delírio não cessou, mas Schreber obteve um certo distanciamento entre sujeito e objeto, proporcionado pelo significante "Mulher de Deus".

Segundo Hanna (2000), o gozo proporcionado por este significante é remetido a um futuro assintótico<sup>8</sup>, ou seja, ele é sempre adiado, mas vivido de uma certa forma no presente. O remetimento a um futuro assintótico, protege Schreber de uma assimilação à sua posição de objeto do Outro, pois o encontro que implicaria em uma coincidência entre sujeito e objeto é adiado infinitamente.

A metáfora delirante serve de suplência (Lacan 1957-58b) para o Nome-do-Pai, pois o sujeito encontra nela um nome para circunscrever o seu gozo. O significante "Mulher de Deus" substitui metaforicamente o significante Nome-do-Pai, produzindo uma significação delirante. Sendo assim, quais são as implicações de uma metáfora ser construída a partir de um delírio? Isto a tornaria mais instável na medida em que está estreitamente vinculada e endereçada ao Outro? E com isso a estabilização do sujeito estaria mais dependente do estatuto deste Outro? Ou o delírio ofereceria mais instabilidade simplesmente por comportar uma realidade muito própria e ter dificuldades, por isto, de fazer laço social? Qual é a aproximação do conceito de metáfora delirante com o estatuto de uma nomeação na psicose? Estas questões não serão respondidas, mas me acompanharão ao longo desta dissertação, pois tentarei desenvolver no terceiro capítulo formas de nomeação pela psicose que não têm no delírio o seu ponto de sustentação.

Retomando a formulação acerca da paranóia, ela teve o seu seguimento após os dois grandes escritos de Lacan sobre as psicoses na década de 50, e pôde contar com a presença das elaborações acerca do objeto *a* presentes no seminário X, *a angústia*, no início dos anos 60. Em sua *Apresentação das Memórias de um doente dos nervos*

---

<sup>8</sup> O termo assintótico é utilizado por Lacan na sua elaboração do esquema I referido à solução de Schreber (Lacan 1957-58a: 578). No entanto, este termo foi inicialmente usado por Freud na parte II de sua análise do caso Schreber (Freud 1911).

(1966b), Lacan formaliza a relação do psicótico com o gozo. Desta forma, oferece uma definição mais precisa do lugar ocupado pelo paranóico quando identifica o gozo no lugar do Outro como tal. Parte, para isso, da relação de Schreber com o seu Deus. O paranóico ocupa uma posição de objeto, como o "*deixar largado*" de Schreber quando ele se separa de Deus, e por isto se confunde com o objeto *a*, objeto caído, que tem a função do gozo. E Lacan designa o Outro como aquele que goza dele, de modo que para o paranóico há um Outro, porém não se trata do Outro faltoso do neurótico regido pela ordem fálica, mas já é uma relação de alteridade e subjetivação deste. A característica do paranóico de construir o seu delírio a partir de um sistema propicia-lhe instaurar uma ordem não alcançada pelo esquizofrênico com seus delírios fragmentados.

Percebemos, em alguns casos, a possibilidade de vir a se estabelecer uma ordem no Outro do psicótico. Como ocorre com a "*Ordem do mundo*" descrita segundo Schreber como uma "construção prodigiosa" (Schreber 1995:42). Ordem produzida a partir da estabilização de sua realidade, oferecida por sua metáfora delirante "Mulher de Deus". Como, então, pensar esta ordem dissociada do Nome-do-Pai?

Nessa perspectiva, não podemos considerar o significante Nome-do-Pai como o único passível de fazer a função de ponto de basta ao amarrar significante e significado na cadeia significante, pois outros nomes como "Mulher de Deus", servindo de metáfora delirante para Schreber, podem cumprir esta função. É o que Lacan indica, com vimos, ser uma suplência. No entanto, neste momento de sua construção teórica, a suplência está estreitamente associada a "suprir" a ausência do Nome-do-Pai (Lacan 1957-58b: 153). O que não necessariamente iremos encontrar ao longo de seu ensino.

## Capítulo 2 - A DIMENSÃO IMAGINÁRIA NAS PSICOSES

As críticas de Lacan às relações de objeto privilegiadas pelos pós-freudianos no cenário analítico, fez com que ele desvinculasse o seu ensino da intersubjetividade e se dobrasse sobre a incidência do significante nas psicoses (1955-56), enfatizando, assim, a relação simbólica do sujeito ao Outro, e não a do eu ao outro (*a*). Era necessário, naquele contexto, propor algo diverso das relações imaginárias e duais que serviam como guia no tratamento psicanalítico. A dimensão imaginária aqui é definida, então, como aquela baseada no "reflexo do semelhante ao semelhante" (Lacan 1972-73: 111).

No que diz respeito especificamente às psicoses, era preciso sair do campo da compreensão que as relações baseadas no imaginário proporcionavam. Lacan, então, submete este à primazia do simbólico.

Não há nada a esperar do modo de abordagem da psicose no plano imaginário, pois que o mecanismo imaginário é o que dá a sua forma à alienação psicótica, mas não sua dinâmica" (...) "(...) temos a noção de que além do outro com *a* minúsculo do imaginário, devemos admitir a existência de um outro Outro. (...) Ele não nos satisfaz somente porque lhe damos uma maiúscula, mas porque o situamos como o correlato necessário da fala (1955-56: 170).

Em seu seminário *RSI* (1974-75), diferentemente da primazia dada ao simbólico nos anos 50 pelo seu ensino, Lacan atribui uma mesma importância aos três registros e considera a consistência imaginária como de igual valor diante do simbólico e real.

Mas é por homogeneizá-los que dou a eles essa consistência e, homogeinizá-los, é trazê-los de volta ao valor que, comumente, é considerado como o mais baixo - a gente se pergunta em nome de que - é dar a eles uma consistência, para dizer tudo, do imaginário. É bem aí que há algo a endireitar: a consistência do imaginário é estritamente equivalente à do simbólico, assim como à do real" (Lacan, lição de 11/02/75).

Poderemos ver na constituição do eu a interdependência dos registros simbólico, imaginário e real. O eu aqui entendido no sentido freudiano, de uma superfície corporal, de uma projeção da superfície do corpo (Freud 1923: 40).

Sabemos que na relação ao semelhante, também chamada relação narcísica, constitutiva do sujeito, "há sempre para o sujeito algo esvanecido" (Lacan 1963: 43), pois ele se confunde com o outro, e uma das saídas é a abolição deste, como expressão da dimensão da agressividade. Daí a necessidade, como diz Lacan (ibid), de um "ponto transcendente", que constitua uma separação entre o sujeito e o outro.

O estágio do espelho tal como exposto por Lacan (1949), é o modelo da dimensão imaginária. Na perspectiva do estágio do espelho, a criança tem a antecipação da imagem do corpo unificada com júbilo. É a captura do real pela imagem. Porém, é só no momento em que a criança se volta para o adulto à espera do seu consentimento que a imagem se constitui como tal. Deste modo, o corpo não é dado de antemão. É necessário, como nos diz Freud, uma "nova ação psíquica" a fim de provocar a unidade do eu (Freud 1914: 93).

Em elaborações posteriores, podemos ver a resposta de Lacan às críticas dirigidas ao estágio do espelho. Lacan ressalta que a imagem do semelhante não basta para constituir a imagem do corpo próprio. O esquema ótico nos traz, em sua retomada ao estágio do espelho, uma maior clareza da função do Outro. Esta posição fica evidente em seu seminário, *livro X, a angústia* (1962-63) quando expõe a sua nova versão do esquema ótico<sup>1</sup>, que é também, de uma certa forma, uma revisão do seu estágio do espelho de 1949.

Com a revisão inserida no esquema ótico em 1962 fica evidente a necessidade de que a imagem tenha um furo, representado pelo  $\phi$  da castração, para que a imagem do corpo ganhe consistência. Nesse sentido, o falo aparece a menos, como lacuna na imagem especular (Lacan 1962-63: 49). Com isso, podemos tomar o Outro como o que produz uma estabilização na imagem corporal através da inserção de um vazio, uma distância entre o real do corpo e sua captura na imagem do espelho.

Porém, a função do Outro é passível de se apagar progressivamente. Desta forma, a estabilização da imagem corporal é ameaçada e ilustra os fenômenos de despersonalização e toda ordem de perturbações, como por exemplo, a do esquizofrênico e sua "fantasia do corpo despedaçado" citada por Lacan (1962-63: 133).

Segundo Lacan, graças ao Outro, os pedaços de corpo original são captados e vestidos pela imagem. Caso isso não ocorra, os pedaços de corpo permanecerão na

---

<sup>1</sup> A primeira versão do esquema ótico realizada por Lacan consta em seu seminário, *livro I, os escritos técnicos de Freud* (1953-54); em seguida, o encontramos em seu texto "Observações sobre o relatório de Daniel Lagache" (1960a). E por último, o esquema ótico é retomado no seu seminário X, *a angústia* (1962-63).

desordem dos pequenos *a*: "esse é o verdadeiro sentido, o sentido mais profundo a ser dado ao termo do 'auto-erotismo' - ou sentir falta de si, (...), de uma ponta à outra. Não é do mundo externo que sentimos falta, (...), mas de nós mesmos" (Lacan 1962-63: 132). Vemos, assim, que a incidência ou não do objeto *a* em sua vertente real está estreitamente relacionada e dependente do estatuto do Outro. Além disso, podemos destacar a importância da imagem como uma vestimenta ao objeto pulsional.

Antes de abordarmos a compensação imaginária como uma via de estabilização para o psicótico, faz-se necessário considerar que a condição do sujeito psicótico seja reduzida, em determinados momentos, a uma relação especular.

Como dissemos no primeiro capítulo, a captura do psicótico na relação especular pode ocorrer antes ou após o desencadeamento. No momento logo após o desencadeamento, temos o que Schreber denominou como *assassinato d'almas*. Lacan comenta sobre este período de Schreber:

Esse é o fenômeno, que é para ele o sinal de entrada na psicose, pode tomar para nós, comentadores-analistas, toda espécie de significações, mas o único lugar em que ele pode ser colocado é no campo imaginário. (...). Há aí uma relação puramente dual, que é a fonte mais radical do próprio registro da agressividade. (...) Esse texto nos traz mil provas do que eu avanço, e isso é perfeitamente coerente com nossa definição da fonte da agressividade, e seu surgimento quando se acha curto-circuitada a relação triangular, edipiana, quando esta é reduzida a sua simplificação dual (1955-56: 343).

No entanto, em nosso trabalho priorizaremos as compensações imaginárias, denominadas por Lacan (1955-56) como "bengalas imaginárias", vista como solução do psicótico por evitar o desencadeamento.

Logo após, veremos qual era a elaboração teórica disponível no cenário psicanalítico na década de 50, para Lacan articular o modo de compensação imaginária do psicótico sem o desencadeamento. Para tal, recorreremos à concepção de personalidade "como se" desenvolvida pela própria Helene Deutsch.

Traremos também a discussão de um caso da literatura psicanalítica - o caso Mlle. B., entrevistada por Lacan em 1976 no âmbito de uma apresentação de paciente.



## 2.2- A COMPENSAÇÃO IMAGINÁRIA

### **As bengalas imaginárias**

Algumas formulações de Lacan em seu seminário sobre as psicoses apontam soluções, via imaginário, encontradas pelo psicótico para se manter estável e organizar a sua realidade antes do desencadeamento. Além disso, descreve o período anterior ao desencadeamento propriamente dito. Para isto, se serve dos trabalhos de H. Deutsch sobre a personalidade "como se" e o de M. Katan sobre a "fase pré-psicótica".

A pré-psicose - termo de Katan - é utilizada por Lacan para se referir ao momento de alienação ao outro minúsculo, a um amigo, por exemplo, que pode servir como ancoradouro da existência do sujeito (1955-56: 181-219). No entanto, o termo é utilizado especialmente para se referir ao momento prévio à entrada na psicose, onde se apresenta um estado de "confusão pânica" e "fenômenos de franja" em que o Outro como conjunto de significantes está posto em jogo (ibid.: 233). A pré-psicose é tida em uma acepção diacrônica caracterizada por um período inicial de perplexidade em que o sujeito sabe que algo lhe concerne, mas não consegue significar a sua experiência. Segundo Lacan (1955-56), o sujeito na pré-psicose tem o sentimento de ter chegado à "beira do buraco", momento que antecede à dissolução imaginária.

Lacan também faz uso da concepção de "personalidade como se" de H. Deutsch para falar destes sujeitos que não entram jamais no jogo dos significantes, exceto por uma espécie de imitação exterior com o semelhante. São casos onde houve um mecanismo de "compensação imaginária do Édipo ausente" evitando o desencadeamento. Certos psicóticos podem viver compensados e se apresentarem com uma aparência viril ao serem sustentados por bengalas imaginárias (1955-56: 233) até o momento em que se deparam com a ausência de um significante e suas muletas tornam-se insuficientes, descompensando-os.

É assim que a situação pode se sustentar durante muito tempo, que certos psicóticos vivem compensados, têm aparentemente os comportamentos comuns considerados como normalmente viris, e de uma só vez, misteriosamente, Deus sabe por que, se descompensam (Lacan, 1955-56: 233).

A realidade, no contexto da teoria lacaniana dos anos 50, é sustentada por uma trança de significantes e, sobretudo, constituída pela presença do significante Nome-do-Pai. E é justamente este significante que vem a faltar na relação do sujeito com a realidade, levando o psicótico na "pré-psicose" a ter o sentimento que chegou à beira de um abismo que atesta a falta ao nível do significante.

Lacan nos mostra em seu seminário sobre as psicoses que a dimensão do Outro - lugar onde se produz a fala - é reduzida nestes casos ao outro imaginário que o prende em uma relação de miragem com o seu semelhante. O sujeito permanece antes do desencadeamento como prisioneiro da relação especular, de uma identificação massiva ao semelhante situado como eu ideal. Ao contrário da identificação histórica, que se opera através de um traço, a identificação mimética tende a reproduzir integralmente o objeto da identificação (Recalcati, 2003). A compensação imaginária se apresenta, segundo Recalcati, como uma "modalidade de amarração da psicose que se organiza como um enodamento entre o imaginário e o real sem a ajuda da mediação simbólica" (p. 210).

As bengalas imaginárias indicam uma identificação possível e um uso do imaginário que consegue, de certa forma, dissimular a falta do operador do Nome-do-Pai.

Esse fenômeno (...) que parece preceder aqui o desencadeamento, basta para mostrar que, em relação à falta do simbólico, o imaginário longe de ser apenas subordinado, pode funcionar como recurso ou prótese e que é uma das razões de colocar a equivalência entre essas duas ordens, como Lacan o faz quando ele constrói seu nó borromeano (Soler: 1997a: 9).

Por outro lado, podemos nos perguntar como as bengalas imaginárias descritas por Lacan em seu seminário sobre as psicoses podem ser puramente relações imaginárias. Somente uma ordem, um registro imaginário é capaz de sustentar um sujeito na existência?

O uso do imaginário como uma prótese à falha do simbólico pode como no caso de Schreber, servir como restauração da realidade após o surto. Dessa maneira, fica mais clara a equivalência do imaginário em relação aos outros dois registros - simbólico e real. Mas até que ponto o uso do imaginário é eficaz para manter um psicótico estabilizado já que, muitas vezes, as identificações imaginárias não impedem o desencadeamento psicótico?

Lacan não deixa de apontar o caráter precário destas identificações ao associá-las a um banquinho de três pés. Descreve-os como "pontos de apoio significantes" que sustentam o mundo dos homens e diz ser possível um sujeito se manter firme na existência com um banquinho de três pés até que em um certo momento, "quando o sujeito, numa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com esse defeito que existe desde sempre" (1955-56: 231).

Somos advertidos por Lacan sobre a possibilidade dos "pré-psicóticos" terem a sua psicose desencadeada ao serem convocados pela análise a "tomar a palavra". Deste modo, são destituídos de sua compensação imaginária ao serem chamados a discorrer sobre algo não simbolizado.

Acontece recebermos pré-psicóticos em análise, e sabemos em que isso dá - isso dá em psicóticos. (...) [a psicose] é desencadeada quando das primeiras sessões de análise um pouco acaloradas, a partir das quais o sentencioso analista se torna rapidamente um emissor que faz ouvir ao analisado durante o dia todo o que deve ou não fazer. (...) Trata-se algumas vezes de um empenho mínimo de tomada de palavra, quando o sujeito vivia até então em seu casulo, como uma traça (Lacan 1955-56: 285).

Concordamos com a advertência acima, mas não com a existência de uma contra-indicação *a priori*, pois consideramos que a postura daquele que conduz a análise em relação ao seu saber e ao seu desejo de analista seja fundamental no manejo de tratamentos com pacientes cuja psicose ainda não tenha se desencadeado. Através desse comentário, Lacan sinaliza haver uma especificidade na direção do tratamento da psicose que concerne na sua posição diante da linguagem. Com isso, mostra a pertinência de estarmos advertidos sobre o que é possível em cada caso, sobretudo nestes sobre os quais tentamos discorrer.

Vimos que uma psicose pode ser compensada através das ditas relações duais, imaginárias, onde a saída do objeto da identificação ou a entrada de um elemento terceiro ocasiona uma desestabilização; porém, na clínica temos contato com outras formas de estabilizações. Além da compensação imaginária, podemos considerar a suplência pela nomeação, como veremos no próximo capítulo, um outro modo de estabilização sem que tenha havido necessariamente um desencadeamento (Recalcati 2003). Podemos nos perguntar, então, qual a diferença e a semelhança entre elas.

Recalcati assinala que a primeira está orientada a partir do registro imaginário e é o efeito de uma identificação especular. Enquanto que a segunda, pelo contrário, implica um trabalho significativo. A natureza simbólica da suplência, segundo Recalcati, se revela em primeiro lugar como aquela que pode levar ao sujeito fazer-se um *nome próprio*.

A referência ao nome próprio toca o núcleo da operação de suplência em sua diferença a respeito da compensação. Se nesta última o sujeito se engancha de forma narcisista à imagem especular do outro, na suplência [pelo nome-próprio] o sujeito não se adere, por assim dizer, ao ser do outro, senão que põe em prática uma espécie de individuação no sentido que é precisamente a suplência o que individua esse sujeito diferenciando sua identidade (o ego, como diria o último Lacan) da dos demais (Recalcati 2003: 212).

O termo suplência é utilizado por Lacan desde o seu *seminário, livro IV, a relação de objeto* (1956-57) para designar uma suplência fóbica do pequeno Hans à carência paterna<sup>2</sup>. Além disso, Lacan refere-se em um pequeno comentário - no seu *seminário, livro V, as formações do inconsciente* (1957-58b) - à compensação imaginária como sendo ela mesma uma suplência. Na ocasião indica que o mecanismo da redução do Outro ao outro imaginário "é uma suplência do simbólico pelo imaginário" (1957-58b: 14). Ao longo de seu ensino utilizou o termo de forma esporádica em algumas situações. No entanto, a perspectiva de uma clínica das suplências só toma corpo no seminário sobre *O sinthoma* (1975-76) em que Lacan empreende o estudo da obra de J.Joyce.

## **O "como se"**

Vimos que a referência de Lacan para comentar os casos de psicose que conseguem manter-se compensados antes do desencadeamento é tomada de Hélène Deutsch em sua concepção da personalidade "como se". Veremos como a própria autora refere-se a esses casos e, com isso, podemos ter uma pequena visão do que era possível ser dito a este respeito na época do seminário de Lacan sobre as psicoses (1955-56).

---

<sup>2</sup> "Todo o problema reside aí. Trata-se de que o pequeno Hans encontre uma suplência para este pai que se obstina em não querer castrá-lo". Cf. Lacan, J. *O seminário livro 4: A relação de objeto* (1956-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 375.

H. Deutsch (1968) - no texto *Algumas formas de transtorno emocional e sua relação com a esquizofrenia* escrito em 1942 - utiliza o termo "como se" retirado, segundo a autora, da "filosofia do Como se", para analisar casos que apresentam uma capacidade para a identificação atribuída a uma "natureza imitativa", sendo este o motivo de uma relação aparentemente normal com o meio. Deste modo, expressam uma falta de autenticidade e algo intangível se interpõe entre eles e seus semelhantes. Nestes casos, a "relação emocional com o mundo exterior e com o próprio eu parece empobrecida ou ausente" (p. 413).

As relações afetivas são marcadas por um "caráter adesivo". Possuem uma facilidade para estabelecer identificações com os objetos, mas estas identificações ficam atreladas à estabilidade destes. Devido à "plasticidade" nas identificações, caso o objeto se ausente, logo ele é substituído. A sugestionabilidade em relação ao objeto com o qual se identificam também é assinalada, levando, por vezes, o paciente a cometer atos criminosos e outras condutas anti-sociais. Deutsch faz uma diferença entre os "indivíduos narcisistas" e os "como se". Nos primeiros haveria um bloqueio afetivo; e no segundo há uma tentativa de simular uma experiência afetiva.

A pobreza das relações objetais e o narcisismo característicos do "como se", leva H. Deutsch aproximar estes casos com a esquizofrenia. Entretanto, a prova de realidade se mantém intacta, e este aspecto é decisivo para a autora recuar nesta hipótese. Mas admite a possibilidade do processo esquizofrênico comportar uma fase "como se" antes de adquirir a "forma delirante". Considera justificável nestes casos a designação de esquizóide, independente de evoluir para a esquizofrenia ou não. Enfim, admite a falta de clareza para distinguir se estes casos possuem uma "disposição esquizofrênica ou constituem sintomas rudimentares da esquizofrenia" (p. 431).

Podemos observar que na concepção de H. Deutsch, o elemento determinante para se ter ou não o diagnóstico de uma psicose é ligado à prova de realidade. Assim, os "como se", por possuírem um eu bem adaptado à realidade estariam, a princípio, excluídos do campo das psicoses, e seriam melhor designados como situados na fronteira entre a psicose e a "normalidade". Diante da indeterminação, Deutsch elege os esquizóides. Segundo a autora, "estes pacientes não correspondem às formas habitualmente aceitas de neurose, e sua adaptação à realidade é demasiado boa para chamá-los de psicóticos" (p. 431). A concepção da psicose é vinculada, então, a uma "falha do eu" (idem), de modo a tornar incompatível a admissão de uma psicose a alguém tão bem adaptado.

### 2.3- UMA APRESENTAÇÃO DE PACIENTES DE LACAN

*Fundar-se na ignorância da língua que fala  
é a disciplina necessária em toda a  
apresentação de doentes.*

*J.-A. Miller*

Originária da psiquiatria clássica, Lacan se serviu da apresentação de pacientes desde o seu caso Aimée. É uma prática de interseção entre a psicanálise e a psiquiatria que serve como orientação diagnóstica e para discutir as direções a serem tomadas no tratamento. Com Lacan, esta prática diferenciou-se da psiquiatria, deixou de ser uma mostra e ilustração de casos clínicos para tornar-se um exercício de fala.

A entrevista ocorre com um paciente que responde as perguntas do analista-entrevistador, geralmente ela é longa e o público - composto pela equipe-assistente, alunos e profissionais seletos - permanece em silêncio. Ao contrário do interrogatório em que o saber prévio serve de guia às perguntas, na apresentação de pacientes guiadas por Lacan, a ênfase é dada à fala do sujeito, e só tem sentido se permitir o efeito de surpresa durante a entrevista.

#### **Um sujeito à procura da imagem do semelhante - o caso Mlle. B.**

O que a imagem tem que se mostra tão cativante? A fascinação pela imagem em todo sujeito está por ela vir recobrir a falta relacionada à castração, que aqui pode ser entendida tanto como prematuração, quanto um déficit diante do júbilo oferecido na experiência do espelho.

No estágio do espelho, a criança tem a imagem do corpo unificada com um júbilo que lhe oferece um descompasso diante de seu desamparo. Desta forma, o sujeito se empenha em dissimular essa falta recorrendo à imagem do semelhante.

Caso o sujeito fique excessivamente capturado pela sua imagem, “é porque a relação dual pura o despoja de sua relação com o grande Outro”, diz Lacan (1962-63: 135).

O imaginário serve de suplência à falha do simbólico. Vimos que é nesta perspectiva que Lacan aborda as chamadas "compensações imaginárias" descritas em seu seminário sobre as psicoses.

Apesar da estabilização alcançada, a compensação imaginária não é suficiente para organizar a imagem do corpo e lhe dar consistência. Consistência no sentido de manter junto, manter uma unidade de corpo que não é só dada pelo imaginário e, sim, pelo simbólico através da incidência de um significante, de um nome - reconhecido aqui como significante Nome-do-Pai.

Sabemos que é a marca que vem do campo do Outro que nos possibilita ter um corpo. Já as falas que chegam a estes psicóticos, geralmente de forma emprestada de outros, não produzem a escansão necessária, impelindo-os a encontrar um sucedâneo na imagem do semelhante através de uma compensação imaginária.

Focalizemos, então, o caso Mlle. B.. Ela não nos servirá como um caso exemplar de compensação imaginária, pelo contrário, ela indicará o avesso. Mlle. B. irá nos mostrar o que pode ocorrer quando um sujeito que não está resguardado pelo Nome-do-Pai e, por isso, é despojado de sua relação com o Outro, fica reduzido à relação com o semelhante e procura, no entanto, não encontra uma imagem a quem pode se enganchar.

O caso Mlle. B. foi levado à apresentação de pacientes conduzida por Lacan em 1976. Utilizaremos para o nosso comentário um relato escrito desta, denominado *Documento - O caso de Mademoiselle B.*, editado em 1993 pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Por ter a particularidade de um relato de apresentação de paciente e não um caso clínico, o nosso comentário pode pecar por ser muito expositivo no intuito de desejar demonstrar algumas peculiaridades da própria entrevista feita por Lacan, principalmente no que se refere à relação construída entre os dois durante a entrevista.

Na ocasião da entrevista, Lacan sugere estar diante de uma parafrenia como uma alusão a Kraepelin, e acrescenta: "e por que não assiná-la com o termo de imaginativa?".

Durante a entrevista, Mlle. B. nos oferece uma série de personagens que passaram ao longo de sua vida, e afirma que se parecer com alguém é condição de vida, porém, não consegue se "cristalizar" (Miller 1996a) diante de ninguém. A curiosa

relação transferencial de Mlle. B. com Lacan nos diz sobre a sua posição diante do Outro: "Jacques Lacan ou qualquer outro, isto não tem importância" (Lacan 1993: 7). Todos se mostram intercambiáveis, não há ninguém que se fixe diante dela.

O seu discurso é fluido e em suas associações, algumas vezes, por meio de um deslocamento, uma mesma palavra toma diversos sentidos e assume a representação de todo um encadeamento de pensamento, tal como a relação do esquizofrênico com as palavras, descrita por Freud em seu artigo *O inconsciente* (1915). Ao responder uma pergunta de Lacan sobre qual seria o seu *métier*, Mlle. B. responde:

"Meu papel, através dos estudos que eu fiz, é de encontrar um lugar na sociedade, desempenhar um papel (...) os mundos imaginários (...) eu sou os papéis, eu os jogo fora (...) eu gosto muito do papel. (...) através dos papeizinhos, dos cartõezinhos" (In: Lacan 1993: 27).

Logo no início da entrevista, diz querer se "valorizar" e diz ser preciso que este valor seja reconhecido pelos outros: "Eu gostaria de encontrar um lugar na sociedade, na vida, eu não o encontro, eu estou à procura, eu não encontro este lugar porque eu não tenho mais lugar".

É a mais velha de seis irmãos, pai alcoolista e violento. Mlle. B. sai de casa aos 21 anos após ter feito um curso de esteno-datilógrafa. Consegue diversos empregos provisórios até conseguir trabalhar por oito meses como monitora em St. Ch.- um lar de crianças abandonadas, sendo todas psicóticas, onde realiza um ateliê com terra e cerâmica. Com este trabalho "procurava uma mudança de valor justamente. (...) Eu era uma pessoa temporária que substituía uma outra. Lá eu não substituía ninguém". Em outra ocasião diz sentir-se "incomodada por causa de uma sociedade que quer reconhecer alguém como tal à condição que ele seja sancionado por um diploma. (...) Eu não tinha um diploma". Se considerarmos o diploma como uma sanção do Outro, nesse sentido, ela não podia ser reconhecida.

No período em que trabalhava como monitora neste lar de crianças, encontra Christian, de quem tem um filho em 1972<sup>3</sup>. É despedida de St. Ch. e passa a viver em hotéis com Christian, que foge quando ela está no terceiro mês de gestação. Ela passa a freqüentar, antes e depois do parto, casas de abrigo materno, começa a bater em seu

---

<sup>3</sup>A pesquisa dos dados iniciais foi realizada por Pereira, Robson F. e Costa, Adão L. Cf.: *Psicose: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Artes e ofícios Ed., ano IV, nº9: 1993.



filho, e este é entregue aos cuidados de uma pessoa com quem permanece até a data da entrevista. É levada a um médico e encaminhada à Mlle. M., com quem inicia uma psicoterapia por cerca de um ano. Volta a viver com a família e se ocupa de seu pai doente.

Nesta época, teve a sua primeira internação com um atestado de síndrome persecutória. Após cinco meses de internação, passa a viver reclusa na região parisiense e após diversas tentativas de retomada de trabalho, sobe em um caminhão indicando C. e se interna com o diagnóstico de mania atípica. Após a alta, reside em um quarto na casa de um médico onde cuida da filha epilética deste, além de trabalhar meio período na casa de um advogado. Após uma leitura de um livro de hipnotismo, é admitida em sua terceira internação. E é nesta internação que ela encontra Lacan.

Na ocasião da entrevista em si, nada do que diz ganha peso e nem convicção. Apesar de Lacan insistir para que ela fale de seu filho, Mlle. B. não se deixa pegar por este assunto. Ao ser indagada por Lacan sobre o lugar que procura, diz: “eu gostaria de ter o lugar de uma mãe que ama o seu filho, eu merecia ter o lugar de mãe atraente”.

No momento de sua entrada na atual internação, diz ter sido hipnotizada; já durante a entrevista afirma "jamais ter sido hipnotizada ou enfeitiçada, eu não sei o que tomou conta de mim". Parecia ter sido influenciada por suas leituras por uma espécie de sugestão. Lacan pergunta se houve um momento em que se sentia hipnotizada. Ela diz ter lido e escrito muito durante as vigílias. "Eu pensei que efetivamente eu havia sido hipnotizada porque eu havia lido livros dizendo que pode-se transmitir a hipnose". Ao ser questionada por Lacan se seria uma verdadeira ou uma falsa doente, Mlle. B. diz "não ser nem verdadeira e nem falsa doente. (...) Eu faço o que tenho vontade, eu tenho vontade de ser uma verdadeira doente, eu sou uma verdadeira doente, se eu não tenho vontade, eu não sou uma verdadeira doente".

Mlle. B. diz ter a idade mental de uma criança de três anos, e logo depois afirma poder ter a idade que quiser como quinze, vinte e cinco, trinta anos, dependendo da coisa com a qual tem que se arranjar. Isto a diferencia da debilidade mental, pois o débil também pode se apresentar com uma idade mental inferior, entretanto, ele se fixa nela.

Acompanhando a entrevista, temos a impressão de que as suas internações são apenas mais um ponto de um circuito do qual mostra ser levada a seguir. Lacan lhe pergunta quantas vezes atravessou um hospital psiquiátrico. Mlle. B. diz ter sido três vezes. Reproduzimos aqui este momento da entrevista:

"um em C., um em Cl., um em P.. Da próxima vez será na montanha".

Lacan: Como você foi a C.?

Mlle. B.: Eu encontrei um grande caminho sobre o qual estava marcado C.. Eu disse: 'eu vou a C.'

Lacan: Como você se fez admitir no hospital psiquiátrico?

Mlle. B.: Eu cheguei uma noite em uma hora absolutamente indevida. Eu contei ao cara uma lorota, não sei o quê.

Lacan: Uma lorota de qual gênero?

Mlle. B.: Que eu sou perseguida... então me receberam porque eu estava doente. Se eu não estivesse doente, não teriam me recebido" (p. 27).

Foi também pedindo carona que conheceu o pai de seu filho: "Eu havia me enganado de rota. Eu fui parar em uma cidade onde eu não queria ir. (...) Foi lá que eu o encontrei". Viveu um tempo com ele: "era mesmo uma coisinha sem importância". Vivia com ele em hotéis, sem dinheiro, até serem expulsos pela proprietária. Algum tempo depois, o pai de seu filho é preso por "desvio de fundos de caixa". Justamente ao abordar a sua relação com o pai de seu filho, Lacan surpreende Mlle. B. com a sua gentileza: chama-a de "minha garotinha" quando ela esperava ser chamada de "safada ou de puta". A partir daí, Mlle. B., fala de cartas de amor escritas para um "carinha" e diz, por conta disso, ter "imitado" uma prostituta.

Em diversos momentos da entrevista, Mlle. B. descreve os personagens que imita ou com os quais tenta se identificar, mas não se detém em nenhuma identificação estável. Diz ter se identificado a uma pessoa que não se parecia com ela: "várias pessoas que não se parecem comigo. Ao menos uma que eu conheço". Destacamos uma amiga de infância que, talvez, tenha servido de esboço de um eu ideal: conta ter conhecido Marie-Aline F. aos seis ou sete anos: "nós éramos um grupo de meninas, (...). Eu a desenhava toda bela, por sua vez ela me desenhava toda feiosa. (...) Eu sofria um pouco. São lembranças de amor, eu penso, as primeiras decepções de amor".

Em outro momento da entrevista, volta a falar em Marie-Aline F.. Lacan pergunta se não era a ela que Mlle. B. havia se referido anteriormente, e pergunta: "É dela que você gosta muito?". Mlle. B. responde: "É da sua irmãzinha que eu gostava muito, em seguida, eu a preferi, parecia que nós éramos parecidas, mas ela certamente não se parecia comigo, o que eu procurava na minha idéia, é ser parecida com alguém, é a condição de vida, é por isso que eu tomo a vida deles".

Diz gostar de viver "suspensa como uma roupa, se eu fosse anônima, eu poderia escolher a roupa na qual estou pensando, eu vestiria as pessoas ao meu modo, eu sou um pouco um teatro de marionetes". Em outra ocasião, descreve o suposto roubo de seu xale por uma mulher e diz: "ela tomava minha identidade". Com o roubo do xale, este objeto que lhe pertence, leva-se também a sua "identidade". Aqui objeto e imagem parecem não estar distintos, diferenciados, pois com o roubo do xale/objeto vai-se embora também a "identidade" /imagem.

### **A vestimenta**

Mlle. B. refere a si mesma como "um pouco um teatro de marionetes". Nesse sentido, Eric Laurent ao discutir essa apresentação de pacientes, a qual presenciou, acredita estar diante de alguém sem personalidade, pois Mlle. B. poderia ser alguém que pediria a qualquer um na rua que trocasse suas roupas com as dela. Tentar usar a vestimenta dos demais era a sua maneira de responder se os outros eram ou não seus semelhantes (Laurent 1989: 45).

Segundo Lacan (1993), Mlle. B. não tem a menor idéia do corpo que ela tem para colocar sob o vestido, pois "não há ninguém para habitar a vestimenta. Ela é este pano. Ela ilustra o que eu chamo de semblante. (...) Seria reconfortante que isto fosse uma doença mental típica. Seria antes melhor que alguém pudesse habitar a vestimenta" (p.30). O caso Mlle. B. expressa como a vestimenta do imaginário pode ficar à deriva caso não tenha um corpo para habitar.

Lacan (1972-73) associa o hábito com aquilo que produz identificação, desde que o hábito faça Um com o corpo. "O hábito ama o monge, porque é por isso que eles são apenas um. Dito de outro modo, o que há sob o hábito, e que chamamos de corpo, talvez seja apenas esse resto que chamo de objeto *a*" (p.14).

Nesta perspectiva, podemos tomar o objeto *a* como o que resta sob o imaginário e os dois sendo unidos pelo simbólico, formando um corpo. Dessa forma, para sustentar a imagem de um corpo é preciso que haja um resto, como produto da operação simbólica de castração. E é precisamente de um corpo que Mlle. B encontra-se desprovida, restando-lhe ser pura vestimenta.

Diante disso, Lacan (1993) afirma ser esta "a doença mental por excelência, é a doença de ter uma mentalidade. Não se trata de uma doença mental grave identificável,

não é nenhuma de suas formas (...) ela vai fazer parte do número destes loucos normais que constituem nosso ambiente” (p.30).

### **Doença da mentalidade**

Diante desta lição enigmática de Lacan, nos perguntamos o que viria a ser um doente por ter uma mentalidade? A partir de um artigo de J.-A. Miller (1996a) sobre a apresentação de doentes convencionou-se, dentro das escolas de psicanálise ligadas ao Campo Freudiano, chamar de "doenças da mentalidade" estas psicoses que não teriam um ponto de basta que produzisse uma amarração do simbólico, imaginário e real, também não caracterizariam uma psicose típica como a paranóia e a esquizofrenia. A data da entrevista coincide com o período do seminário de Lacan sobre o *sinthoma*, período em que as definições estruturais não têm tanta prevalência como nos anos 50. Desta forma, Lacan não se refere tanto mais às conhecidas "estruturas clínicas freudianas".

Neste mesmo seminário, Lacan (1975-76) sugere que ter mentalidade é o mesmo do que ter amor-próprio, sendo o amor-próprio o princípio da imaginação (p.64). Poderíamos, então, considerar a doença da mentalidade como aquela onde não haveria uma consistência narcísica?

Geralmente são "seres de puro semblante", está aí a sua excelência e o seu caráter exemplar de doença mental. São pessoas que não conseguem estabelecer uma identificação, como observa Miller a respeito do caso de Mlle. B.:

as identificações, por assim dizer, não se precipitaram no "eu" (*moi*), não há cristalizador algum. (...) Nenhum significante-mestre, nada que venha lhe dar o lastro de alguma substância, nenhum objeto *a* que preencha seu parênteses (singular substância lacaniana, feita de falta, mas a falta que acaba por ser constante dá a pessoa de um sujeito a ilusão de sua síntese) (1996a:147-148).

A doença da mentalidade, por não ter nenhuma definição estrutural, por vezes pode parecer se aproximar da histeria e outras vezes da esquizofrenia. Diríamos que a sua referência maior é a esquizofrenia, pois a lembra em vários aspectos. Termos como flutuação, abandono do Outro, ausência de lastro, deslocalização do gozo são usados

por Miller e outros comentadores ao se referirem a estes casos. Alguns destes loucos normais, no sentido de Lacan, correm o risco de passar a vida entrando e saindo do hospício, "porque não foram capturados pelo simbólico e porque mantêm, com relação a esse último, uma flutuação, uma inconsistência" (ibid: 146).

A referência à doença da mentalidade faz parte das discussões empreendidas pelos autores de duas publicações - *Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica* (Miller *et al.* 1998) e também a *Psicose Ordinária* (idem 2005). Nestes dois estudos, abordam-se tanto os casos de doença da mentalidade quanto aquela psicose considerada discreta e sem desencadeamento onde se consegue uma estabilização pela via de uma amarração dos três registros. Curiosamente, não podemos dizer que Mlle. B. tenha uma psicose não desencadeada, mas, também não podemos dizer que se trata de uma psicose com desencadeamento. Mlle.B. permanece em uma errância, assim, ela não é uma verdadeira doente, mas também não é uma falsa doente, exatamente como ela mesmo se refere.

Vimos que Mlle. B. não se fixa em ninguém e também em nenhuma doença. Com a teoria do narcisismo, Freud (1914) afirma que a paranóia e a esquizofrenia irão se apoiar na retração da libido objetal, diferenciando-se no ponto de fixação. Na paranóia há uma perda do interesse libidinal seguida de uma regressão ao narcisismo. Já na esquizofrenia, a retirada da libido do mundo externo é mais radical e se situa no autoerotismo. Podemos, então, dizer que a libido de Mlle.B. não se fixa em nenhum ponto? Que não há nenhum caminho traçado para a sua libido?

Mesmo que ela não consiga se fixar em um ponto, ou que ela não encontre nenhum traçado para a libido, podemos observar em sua entrevista que é na relação dual, especular que Mlle.B. minimamente se guia, pois este é o assunto que a físga de alguma maneira, é por aí que ela tenta construir as suas relações, como é a tentativa de se parecer com a sua amiga de infância, questão vital para ela. Retomo aqui a sua fala em relação a sua amiga: "Eu havia me identificado a uma pessoa que não se parece comigo. (...) parecia que nós éramos parecidas, mas ela certamente não se parecia comigo" (p.12). É por esta via imaginária que ela tenta sustentar a imagem de seu corpo, pura vestimenta.

Miller (1996a) ao comentar as observações de Lacan sobre o caso Mlle.B. distingue, a partir de algumas indicações, as doenças da mentalidade das doenças do Outro. Reitera, com isto, a importância de se referir ao Outro para se pensar a categoria do eu. Das doenças da mentalidade fariam parte aqueles em que a dimensão do Outro

está em déficit. E por isso, se "sustentam na emancipação imaginária, na reversibilidade a-a', desvario por não se estar submetido à escansão simbólica" (p.148). Seres de "puro semblante", "imaginário desvairado sem eu" (p.147).

Já a personalidade forte, segundo Miller, é encontrada do lado da paranóia<sup>4</sup>. Ao esclarecer as doenças do Outro, refere-se aos que conseguem minimamente se nomear diante do Outro, mesmo que seja um lugar de dejetos diante de um Outro completo, não marcado pela falta. A ligação ao Outro neste último caso é marcada pela certeza, como é o caso dos paranóicos. Podemos inferir daí a estreita dependência do estatuto do Outro para que as identificações se precipitem no "eu".

Vimos, com Mlle. B., a impossibilidade de se produzir ao menos um certo enganchamento ao semelhante, mesmo que imaginário, na tentativa de obter uma estabilização. Isto nos leva a sua vã insistência em encontrar um lugar na sociedade: "eu continuava sempre tentando encontrar um lugar, e a encontrar um 'eu mesma' nos outros" (In: Lacan 1993: 23).

Apesar de o simbólico se mostrar determinante na estabilização de um corpo, ele não é o mais importante. Tanto o imaginário quanto o real se apresentam em uma relação interdependente com o simbólico.

Desde o gesto fundador de seu ensino [de Lacan], o simbólico tomou seu valor quanto ao imaginário, que é, de certo modo, sua pedra angular, seu parâmetro em relação ao qual o simbólico se diferencia. Nesse sentido, a referência ao imaginário permanece essencial (Miller 2005: 306).

O caso Mlle. B. atesta o valor cativante da imagem do semelhante, pois procura a todo instante pegar emprestada a imagem do outro sem, com isso, conseguir uma apropriação. Portanto, a especificidade do caso de Mlle. B. é o de justamente falhar onde outros psicóticos conseguem o mínimo de estabilização oferecida pela compensação imaginária. Mlle. B. demonstra tentativas sucessivas, porém fracassadas de se identificar mesmo que imaginariamente ao seu semelhante, levando-a a uma atopia - uma ausência de lugar frente ao Outro. Assim, a impossibilidade de se nomear a faz uma errante.

---

<sup>4</sup> Lacan (1975-76), em uma referência a sua tese intitulada *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* de 1932, comenta que a "psicose paranóica e a personalidade não têm, como tais, relação, pela simples razão de que são a mesma coisa" ( p. 52).

O Nome-do-Pai como significante da lei, princípio da separação, instaura no corpo um vazio que estabiliza a imagem e produz a consistência do corpo. Nesse sentido, o corpo se amarra ao nome. No próximo capítulo, iremos ver se há possibilidades de outros nomes diversos do Nome-do-Pai vir a produzir um corpo.

### Capítulo 3 - DO NOME-DO-PAI AOS NOMES-DO-PAI

A partir de um caso de nossa clínica, poderemos ver que outros nomes que não o Nome-do-Pai podem servir para estabilizar a imagem de um corpo. O caso clínico nos servirá de guia para a formulação que se segue neste capítulo acerca da operação de nomeação.

Antes de seguirmos, é importante assinalar que a operação de nomeação está estreitamente vinculada à noção de furo, pois veremos que ela opera sobre os efeitos de furo no sentido. J.-A. Miller (2003b) diferencia o conceito de furo do conceito de falta e relaciona o furo com a argola de barbante presente nos últimos seminários de Lacan: "a consistência do barbante só toma seu valor em relação ao furo que, se não o nomearmos, permanece invisível" (p. 12).

Neste capítulo, introduziremos, entre outros pontos, o conceito de *lalíngua*, necessário para as formulações que iremos apresentar. *Lalíngua* é a tradução do termo francês *lalangue*, elaborado por Lacan em 1972 no seminário, *livro XX, Mais Ainda*. Como introdução, podemos dizer que este conceito marca uma reviravolta importante na estruturação da linguagem. A linguagem deixa de ser prévia e passa a ser uma "elucubração de saber sobre *lalíngua*" (Lacan 1972-73: 190). A linguagem como articulação significante e produtora de sentido é, assim, secundária à *lalíngua*, que se apresenta através de significantes desconexos e ligados ao gozo. Trataremos do conceito de *lalíngua* com maior precisão mais adiante na apresentação do caso clínico.

É a partir do caso clínico que surgiu a necessidade de traçarmos o caminho que parte da pluralização do Nome-do-Pai. Aqui veremos algumas conseqüências da proposta lacaniana de reduzir o Nome-do-Pai à sua função de nomeação. Destacaremos também a nomeação como um quarto elemento que viria enlaçar os registros real, simbólico e imaginário.

Em seguida, faremos uma abordagem da construção de um nome em James Joyce segundo a leitura de Lacan sobre a sua obra. Recorreremos também à ajuda de comentadores lacanianos, sobretudo Ram Mandil (2003) em seu livro *Os efeitos da letra - Lacan leitor de Joyce*. Faz-se necessário pontuar que iremos abordar a noção de *sinthoma* formulada por Lacan, mas somente no que for necessário para seguirmos em nossa abordagem.

Faremos, então, a própria discussão do caso clínico, com a proposta de pensarmos a função de nomeação como elemento estabilizador nas psicoses.



Destacaremos o uso de uma língua, e o nome como lastro. Logo após, seguiremos nas formulações acerca da concepção de psicose ordinária, e a apresentaremos também como um programa de investigação.

### 3.1- A PLURALIZAÇÃO DOS NOMES

A tese lacaniana de uma pluralização dos Nomes-do-Pai, explicitada parcialmente, mas não de forma exclusiva, na única lição do seminário de 20 de novembro de 1963, aborda a teoria da nomeação. O tema é conduzido com grande reserva por Lacan, já que tocaria nos limites do complexo de Édipo, no mito paterno e na tradição judaico-cristã, juntamente com sua crença ao "Deus-Pai" referido no Antigo Testamento e designado anteriormente pelo próprio Lacan como Nome-do-Pai.

Após o seu anúncio, este tema provavelmente lhe custou a "excomunhão" da Associação Psicanalítica Internacional. Apresentou a primeira e única lição do seminário sobre os *Nomes-do-Pai*, e teve a continuação do seu seminário interrompida precocemente, devido a seu desligamento da função de didata por parte de seus colegas da comissão francesa dos analistas didatas ligada a IPA.

O ponto de entrada deste seminário é a indicação de Lacan quanto a possibilidade de Deus se designar não somente com um único nome, mas com uma série deles, daí a sua pluralização.

Lacan faz referência à passagem do *Êxodo*<sup>13</sup> em que Moisés pergunta a *Eloim*, o Deus que lhe fala na sarça ardente, qual seria o seu nome, e obtém a seguinte resposta: "Eu sou aquele que sou" (1963: 77). Segundo Lacan, não há nenhum outro sentido a atribuir a esse *Eu sou* a não ser o Nome *Eu sou*. Lacan lembra, contudo, não ter sido com este Nome que *Eloim* se anunciou aos ancestrais de Moisés: "O Deus que se anunciou a Abrão, Isaac e Jacó o fez sob um Nome pelo qual o *Eloim*, da sarça ardente, o chama, e que escrevi no quadro. Isso se lê *El Shaddai*" (Lacan 1963: 78).

G. Caroz (2006) destaca três Nomes-do-Pai referidos por Lacan nesta ocasião: *Eloim*, *El Shaddai* e "eu sou aquele que sou", e propõe serem eles três versões do pai:

---

<sup>13</sup> Lacan tem nesta passagem a referência ao capítulo III do *Êxodo* (Antigo Testamento).

*Eloim* aparece na cena do "sacrifício de Abraão"<sup>14</sup> como o pai gozador que exige de Abraão o sacrifício de seu filho Isaac, mas *Eloim* é também o "carneiro primordial" que é posto no lugar de Isaac para ser sacrificado. Portanto, ao seguirmos a leitura de Lacan sobre a cena do sacrifício, *Eloim* equivale ao totem, ao Deus-animal em uma clara alusão ao lugar ocupado pelo pai primordial na teoria freudiana. *El Shaddai*, por sua vez, representa o Deus da aliança que produz um corte, uma hiância entre gozo e desejo ao instaurar a circuncisão, não como sacrifício, mas como pacto que se estabelece entre um povo escolhido e aquele que o escolheu.

Segundo Caroz, Lacan propõe uma dialética entre estes dois nomes de Deus que são *Eloim* e *El Shaddai* - uma dialética entre um pai do gozo e um pai morto - e faz alusão a um terceiro Nome, "aquele cujo nome é impronunciável", como diz Lacan (1963: 84). Caroz afirma tratar-se de YHVH, nome impronunciável por só conter consoantes, e "que evoca a raiz do Nome *Eheyé*, o significante que reenvia a ele mesmo, *eheyé asher eheyé*, 'eu sou aquele que sou' "(Caroz 2006: 138). O nome impronunciável produz um furo na cadeia significante em relação ao significado, um furo no lugar do nome de Deus e possibilita, assim, uma pluralidade de Nomes vinda em seu lugar, e que ressoa com a pluralização que faz Lacan dos Nomes-do-Pai (ibid.).

É no furo que se colocam as suas versões, versões de um pai gozador ou de um pai da aliança, por exemplo. E é justamente com este furo produzido no simbólico que a operação de nomeação terá a sua efetividade.

Anos mais tarde, em seu seminário *RSI*, Lacan (1974-75) faz uma referência à lição única do seminário *Nomes-do-Pai* articulando-a com a sua elaboração dos nós borromeanos:

Aí não se pode dizer que os judeus não foram legais, eles explicaram bem que era o Pai, o pai que eles enfiam em um ponto de furo que nem se pode imaginar; eu sou o que sou, isso é, um furo. (...) Quando digo o Nome do Pai, isso quer dizer que pode haver aí, como nó borromeano, um número indefinido. **É esse o ponto vivo. É que esses números indefinidos, estando atados, tudo repousa sobre um, enquanto furo**, ele comunica sua consistência a todos os outros, donde o fato que, vocês compreendem, o ano em que quis falar dos Nomes do

---

<sup>14</sup> Lacan (1963) faz referência em sua conferência sobre os "Nomes-do-Pai" ao comentário de Rachi sobre o episódio do "sacrifício de Abraão" designado na tradição judaica como o "sacrifício de Isaac" (Caroz 2006: 134).

Pai, eu teria falado de um pouco mais que dois ou três (...) (Lacan, lição de 15/04/75, grifo nosso).

O nome enquanto furo ao mesmo tempo em que permite a pluralização dos nomes, possibilita um atamento entre eles, servindo como ponto de amarração do nó que comunica a sua consistência a todos os outros registros ou nomes, caso consideremos, como sugere Lacan (1974-75), o real, o simbólico e o imaginário como sendo eles também Nomes-do-Pai.

Em seu "Comentário do seminário inexistente", J.-A. Miller (1992) destaca a abordagem lacaniana dos nomes realizada por Lacan na conferência de introdução aos Nomes-do-Pai e revela o segredo guardado no próprio título da conferência, a saber, "o Nome-do-Pai não existe" (p.13), o que nos faz pensar ser ele uma construção e não algo inicialmente dado no "Outro do significante". "O nome como 'O nome', o nome como singular, o nome como único, o nome como absoluto, esse nome não existe" (idem). O Pai é um nome do pai entre outros, ou seja, é uma função que pode ser preenchida por outros significantes, assim, os Nomes-do-Pai devem ser tomados como uma pluralidade que rodeia uma função. Uma preciosa indicação nos é, então, oferecida: a de ficarmos atentos na clínica para o que pode funcionar como Nome-do-Pai para cada sujeito (p. 20-21).

### **O Pai que nomeia enlaçando o nó**

Dando continuidade ao seu primeiro trabalho em 1953 sobre os três registros da experiência psíquica em uma conferência denominada "simbólico, imaginário e real", Lacan estende a construção sobre a sua "tríade" ao longo de seu ensino até as últimas formulações nos anos setenta que resultarão em sua elaboração acerca do nó borromeano. O nó, retirado da topologia, é utilizado por Lacan como o responsável pela articulação entre os três registros da experiência psíquica nomeados por ele como real, simbólico e imaginário, e se apresenta como a condição necessária para que a realidade psíquica se constitua.

Diferente de um modelo, o nó é justamente o que não visa à representação. Lacan foi levado à mostra deste nó para apresentar de forma manipulável e real o fazer analítico (Lacan 1974-75). É feito com o mínimo de três elos, dois superpostos um

sobre o outro e um terceiro que faz uma costura entre os outros dois, mantendo-os unidos ao enlaçá-los. Costura feita de uma dada maneira sem que nenhum elo fure o outro (enganche no outro). O furo se produz no próprio movimento da trança de forma intervalar. Está aí uma das propriedades do nó borromeano.

O nó serve, assim, de "suporte material para podermos pensar o que é uma relação em cima de um fundo de não relação generalizada" (Vieira 2007)<sup>15</sup>. A partir da não-relação, Lacan concebe o nó borromeano como um laço entre o simbólico, cuja característica é o furo, além de se fundar pelo significante como aquilo que distingue, o imaginário que mantém tudo junto ao lhe dar consistência, e o real como aquilo que existe aos outros dois.

A outra propriedade do nó borromeano consiste em que, ao cortar qualquer um dos elos, os outros necessariamente se soltarão, e este fato independe de serem três ou mais elos (Lacan, lição de 10/12/74). Demonstra-se, dessa maneira, a equivalência atribuída aos três registros, e não mais a primazia de um deles, como aquela dada ao simbólico nos anos cinqüenta por Lacan.

Cabe destacar um ponto fundamental: a princípio os três registros não são somente equivalentes e indistintos, mas também desatados e independentes. E apenas um quarto elo ou uma "ação suplementar" poderá distingui-los e enlaçá-los borromeamente. Segundo Lacan, mesmo que sejam três elos, isso faz quatro (lição de 15/04/75), dito de outro modo, é só no mais um (mesmo implícito), que deduzimos os outros três. Segundo Skriabine (2006), mesmo que sejam três elementos, eles são quatro, pois há o próprio nó borromeano. Cada um dos elos carrega, como quarto implícito, a própria eficiência do nó borromeano e é por isso que a ruptura de qualquer um deles desliga o conjunto (p. 59).

Lacan (1974-75) em seu seminário *RSI* se pergunta se o Nome-do-Pai é indispensável para enlaçar os três registros, recorre a Freud e aos seus conceitos de realidade psíquica e de complexo de Édipo como prova dessa necessidade. Entretanto, não sem hesitação, nos oferece o caminho para a pluralização: repousa a ênfase do Nome-do-Pai sobre a sua função de nomeação. O pai como nome, representante da lei, estreitamente vinculado à teoria edípica, abre espaço ao pai nomeante (lição de 15/04/75), e é na "ação suplementar" que o encontramos em sua função radical.

---

<sup>15</sup> Fala proferida por Marcus André Vieira, registrada em ata, no âmbito do seminário *Noiato* da Unidade de Pesquisa Práticas da letra, ICP - RJ da Escola Brasileira de Psicanálise, em 22 de março de 2007. Sobre esse ponto ver também Lacan (1975-76), seminário XXIII, o *sinthoma*, sobretudo nas páginas 94-98. Aqui Lacan afirma haver relação desde que não haja equivalência (proporção) sexual.

Ao que chegamos, então, é que, para demonstrar que o Nome do Pai nada mais é que esse nó, não há outro modo de fazê-lo senão se os supondo desatados. (...) A partir daí, qual a maneira de atar essas três consistências independentes? Há uma maneira, que é esta, a que chamo de Nome do Pai. É o que faz Freud e, ao mesmo tempo, reduzo o Nome do Pai à sua função radical, que é a de dar um nome às coisas, com todas as conseqüências que isto comporta, até o gozar notadamente (Lacan, lição de 11/03/75).

O pai como nome não é o mesmo que aquele que nomeia (Lacan 1975-76: 163); veremos, então, algumas conseqüências da redução indicada. Sabemos que o Nome-do-Pai é o que dá nome às coisas, entretanto, ao reduzirmos o Nome-do-Pai em sua função radical é possível dar nome mesmo que não tenha com isso o efeito de significação. Situamos aí uma primeira conseqüência.

Lacan desde os anos 50 enfatiza ser a função do pai não condicionada à figura do genitor. O Nome-do-Pai é o que vem de forma metafórica incidir sobre os significantes do desejo da mãe e sobre o seu gozo sob a forma da substituição significante, produzindo a significação fálica. A sua função é amarrar a cadeia ao ligar o significante e o significado como o explicitado na noção de ponto de basta; portanto, o significante se introduz no significado e produz efeitos de significação (Lacan 1957).

Mas se o Nome-do-Pai é uma exigência da linguagem na medida em que amarra a cadeia significante, como pensar, então, sua pluralização? O que pode, a partir daí, fazer a função de ponto de basta?

No ensino de Lacan dos anos cinquenta o Nome-do-Pai é situado como aquele que insere o significante da lei no lugar do Outro, lugar onde a fala se produz. O Nome-do-Pai como significante da lei é o que ordena o sistema de significações e estrutura a linguagem a serviço da comunicação. Isto se articula à clássica função de nomeação que está perfeitamente situada na língua (Basz 2006). Entretanto, quando Lacan trata da nomeação como ato, ele já faz uso de seu conceito de *lalíngua*<sup>16</sup> em que a fala serve ao gozo e não à comunicação referida ao Outro do senso-comum.

---

<sup>16</sup> O conceito de *lalíngua* será melhor discutido na ocasião do caso clínico.

Nessa via, no último ensino de Lacan<sup>17</sup>, a função primordial do Nome-do-Pai não é associada à articulação entre simbólico e imaginário, significante e significado como na metáfora, mas entre simbólico e real. Encontra-se aí um redirecionamento da própria clínica psicanalítica, com efeitos importantes na clínica da psicose, pois nessa articulação o que está em jogo não é o significado inconsciente, nem os efeitos de significação em geral e, sim, a articulação entre simbólico e real.

Nomear é acrescentar ao real algo que faz sentido<sup>18</sup>. Designa o efeito do simbólico enquanto ele aparece no real (Miller 2006: 26). Segundo Lacan, "o próprio do sentido é que se nomeie aí alguma coisa e não que se faça compreender" (lição de 11/03/1975), ou seja, no ato de nomeação não se trata de comunicação, pois aqui o sentido se funda ao amarrar alguma coisa de real. É isso que Lacan busca precisar em seu seminário *RSI*.

O efeito de sentido a se exigir do discurso analítico não é imaginário, não é simbólico, é preciso que seja real. E tentar delimitar ao máximo o que pode ser o real de um efeito de sentido é com que me ocupo este ano. (...) Achava-se que eram as palavras que carregavam [o efeito de sentido]. Enquanto que, se nos damos ao trabalho de isolar a categoria do significante, vemos logo que a jaculação guarda um sentido isolável.

É dizer que é nisto que devemos nos fiar para que o **dizer faça nó**, diferente da palavra que muito frequentemente desliza, deixa deslizar (...) (Lacan, lição de 11/02/1975, grifo nosso).

O dizer como ato difere da palavra como fala. Mas como é possível o "dizer fazer nó"? Como enlaçar significante e real? Para o "dizer fazer nó" é necessário desatrelar o ato de nomeação de uma organização prévia da linguagem na qual a relação de um significante com outro produz uma significação, relação em cadeia expressa no par significante  $S_1 - S_2$ , enfatizada na teoria lacaniana até a formulação do conceito de *lalíngua*. A partir daí, Lacan pensa o simbólico como um enxame de  $S_1$  inicialmente

<sup>17</sup> "O último ensino de Lacan" é uma expressão utilizada por Jacques-Allain Miller para referenciar o ensino de Lacan nos anos setenta marcado principalmente pelos nós borromeanos a partir de seu seminário XX, *Mais ainda*. Para um maior esclarecimento sobre o termo ver J.-A. Miller "O último ensino de Lacan", *Opção Lacaniana* n.35, 2003b.

<sup>18</sup> Segundo J.-A. Miller, o "sentido é parente do não-sentido" (cf. Miller, J.-A. "Des-sentido para as psicoses". In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: JZE, 1996c, p 164).

desencadeados e depositados em *lalíngua*. Deste modo, a linguagem não se encontra previamente articulada e é possível extrair de *lalíngua* um significante isolado, desprovido de significação.

Na metáfora paterna resta um gozo não fígado pela significação fálica. A incidência do significante Nome-do-Pai sobre o desejo da mãe não abole e nem consegue regular a totalidade do gozo ali em jogo. Quanto ao pai também há algo que escapa à ordem significante e que se desvela como o seu gozo que pode vir a ser transmitido como a sua versão do desejo, sua *père-version*. Cabe a cada um a questão do que fazer com isso que resta de inominável nessa operação; é preciso saber-fazer aí (*savoir-y-faire*) a cada vez. Segundo Lacan, a "nomeação é o quarto elemento" (lição de 13/05/1975) que amarra os três registros ao articular o significante ao gozo, localizando-o. Ou seja, um significante isolado, aquele que sobra e sendo ele, "por causa disto, desprovido de sentido, vem propor-se como interveniente do gozo" (Lacan, lição de 17/12/74). A localização do gozo a partir de uma operação significante marca uma segunda consequência em reduzir o Nome-do-Pai em sua função de nomeação. A possibilidade de nomear, a princípio, sem efeitos de significação, mostra-se como condição para pensarmos na fixação de um resto de gozo na operação significante da nomeação, enlaçando sentido e real, pois a "nomeação é a única coisa de que estejamos certos fazer furo" (Lacan, lição de 15/04/75).

Ao final de *RSI*, Lacan (1974-75) procura o que convém dar como substância ao Nome-do-Pai e se pergunta se a nomeação que dá nome às coisas, às espécies, aquela que é estritamente simbólica é o que nos basta. "Será o pai aquele que deu nome às coisas? Ou deve esse pai ser interrogado enquanto pai, no nível real?" (lição de 13/05/75). Além da nomeação se ligar no simbólico na forma de sintoma, deixa em suspenso a possibilidade de ela vir a se ligar ao Real como angústia e ao Imaginário como inibição. Todavia, ao retomar o tema da nomeação no seminário sobre o *sinthoma* não o faz sob os termos da tripartição inibição, sintoma e angústia.

### **O nó e a sua foraclusão original**

O Nome-do-Pai revisto por Lacan e articulado na topologia dos nós reformula o enfoque localizado na teorização deste como o único responsável pela organização da linguagem por ser considerado o representante da lei no lugar do Outro. Essa

organização depende não mais de uma primazia do simbólico que fundamenta a teorização do Nome-do-Pai, mas de modos de amarração, sinalizando a variedade de enlaces possíveis entre o real, simbólico e imaginário. Há muitas maneiras de suplenciar a falha do nó, como também de se produzir o seu desenlace.

Segundo Skriabine (2006), o nó borromeano de três é a solução perfeita, porém ele é sempre fracassado. "Há foraclusão do nó borromeano como Nome-do-Pai" (p.59), pois o Nome-do-Pai também é sempre falho, no sentido de não poder dar uma garantia ao Outro, "é preciso, ao menos, um quarto elemento para fazer suplência à foraclusão original" (ibid.).

A estrutura da foraclusão é relacionada à própria falha na estrutura da linguagem e deixa, então, de ser um dado constitutivo ligado somente à psicose e se generaliza a qualquer ser falante (Miller: 1998). Essa falha poderá vir a ser suplenciada ou não - tanto pelo Nome-do-Pai quanto por outro significante que cumpra a função de amarrar os três registros.

A neurose, constituída em torno do Nome-do-Pai, perde o seu lugar paradigmático e torna-se uma solução entre outras. A psicose, por sua vez, se especifica como aquela que diz "não" ao Pai (Hanna 2000). Entretanto, todas são definidas positivamente como uma resposta diante da falha estrutural da linguagem. O próprio Lacan indicava um alcance mais radical da foraclusão. Ao responder uma pergunta sobre a existência de outras foraclusões diferentes daquela que resulta da foraclusão do Nome-do-Pai, ele responde: "Não resta dúvida de que a foraclusão tem alguma coisa de mais radical. O Nome-do-Pai é, no final das contas, alguma coisa leve" (Lacan 1975-76: 117).

Lacan em seu seminário sobre as psicoses (1955-56) aponta a foraclusão - a ausência de um significante primordial, como impossibilidade do psicótico nomear-se, na medida em que demonstra uma dificuldade em se fazer representar por um significante. É possível, então, falar de nomeação na psicose? Qual a perspectiva trazida pela pluralização do Nome-do-Pai nesse campo?

Como considerar uma nomeação sem que ela seja atribuída pelo Outro? Esta é a questão que nos norteará ao abordamos a construção de um nome em James Joyce e num caso clínico que será exposto a seguir.



### 3.2 - FAZER-SE UM NOME

*'O que há em um nome?' Isso é o que nós nos perguntamos na infância quando escrevemos esse nome que nos ensinam ser o nosso.*

*James Joyce*

O estudo de Lacan sobre a obra de James Joyce em seu seminário XXIII, *o sinthoma*, nos permite pensar o nome sem que este seja um atributo do Outro. Segundo Lacan, foi isto que ocorreu a Joyce ao fazer-se um nome através de um artifício de sua escrita.

Primeiramente em uma conferência de abertura ao "V Simpósio Internacional James Joyce" em 1975, Lacan a faz, sob o convite de Jacques Aubert<sup>19</sup>, e lhe oferece o título "*Joyce, o sintoma*": "dou a Joyce, ao formular esse título *Joyce, o sintoma*, nada menos que seu nome próprio, aquele no qual acredito que ele se reconheceria na dimensão da nomeação" (Lacan 1975: 158). Deste modo, Lacan indica que na dimensão da nomeação, o nome próprio pode ou não vir a ser reconhecido pelo seu portador (Mandil 2003: 179). Mas por que "*Joyce, o sintoma*"?

Para Lacan (1975) trata-se de um sintoma que abole o símbolo. Ilustra, assim, a relação de Joyce com a linguagem como um "desabonado do inconsciente" (p.160), sobretudo em sua última obra *Finnegans Wake*, em que a desconstrução da língua inglesa se dirige à própria *lalíngua*, multiplicando e pulverizando o sentido das palavras até o seu esvaecimento. Entretanto, apesar de sua trama sintomática ser inalisável, e ser condicionada por *lalíngua*, por não se ordenar de modo que o sentido minimamente se fixe, Joyce, de um certo modo, não deixa de elevá-la à potência da linguagem (Lacan 1975: 163).

A elaboração anterior de Lacan acerca do pai que nomeia, tido como o quarto elemento necessário para enodar os registros do simbólico, real e imaginário é absorvida aqui com outro nome que lhe é equivalente. Lacan chama de *sinthoma*, pois acredita ser este mais conveniente para se referir a Joyce. A relação de Joyce com o seu sintoma é apreendida por Lacan pela vertente do gozo, pois, segundo Lacan, este é a única coisa do seu texto que podemos pegar (1975: 161). Ao nomear "*Joyce, o sintoma*", Lacan

---

<sup>19</sup> Professor da Universidade de Lyon e eminente estudioso das obras de Jacques Lacan e James Joyce.

estaria nomeando uma experiência de gozo singular por meio da linguagem e lhe ofereceria o nome que ele reconheceria como próprio (Mandil 2003: 208), pois o sintoma seria o que há de mais singular em um indivíduo e Joyce seria aquele que "se identifica ao 'individual', chegando ao ponto de encarnar nele mesmo o sintoma, através do qual ele escapa de toda morte possível" (Lacan 1975: 163). E foi precisamente através do nome, intermediado pelo caráter inédito de sua última obra no campo da literatura, que Joyce quis ser alguém que sobrevivesse como nunca.

Segundo Mandil (2003), nesta conferência de Lacan sobre Joyce, é lançada a hipótese de que o sintoma pode ganhar estatuto de nome próprio e, com isso, ocupar o lugar do Nome-do-Pai como mais um de seus nomes, "como algo fundamental para a consistência da realidade psíquica de um sujeito, sem a qual este estaria condenado a uma derrapagem que terminaria no delírio" (p. 208). Encontramos aqui um ponto de grande pertinência para a nossa elaboração acerca da psicose não desencadeada, na medida em que o sintoma com o estatuto de nome próprio, ou em outras palavras, o sintoma em sua função de nomeação, pode vir a funcionar como um ponto de basta ao impedir que o psicótico se lance pela via delirante, muitas vezes, tomada por um fluxo ininterrupto.

Lacan (1975-76), em seu seminário XXIII, sinaliza a invasão de outras línguas sobre a língua inglesa na escrita joyceana como uma "elação" pelas línguas (p.12). Lacan toma, então, para si algo do que é próprio dessa escrita ao injetar o grego no francês em seu uso da palavra *sinthoma* (ibid.). Pretende com isto marcar uma diferença do sintoma como metáfora, ou seja, o *sinthoma* não se caracteriza por ser uma formação do inconsciente no sentido de incluir um material recalcado a ser interpretado. Aproxima-se mais da definição de sintoma dada por Lacan em *RSI*: O sintoma é definível como "o modo como cada um goza de seu inconsciente, na medida em que o inconsciente o determina" (Lacan, lição de 18/02/75). Contudo, esta é uma definição do sintoma que se situa como um ponto de passagem em relação ao que será visto em seguida. Como adverte Mandil (2003), toda essa reformulação deve ser examinada com cuidado, pois a distinção impressa por Lacan não configura uma total ruptura entre símbolo e sintoma.

No que concerne a Joyce, o *sinthoma* seria o quarto elo que estaria evitando a desamarração de seu nó. Lacan, assim, equivale à noção de *sinthoma* a função do Nome-do-Pai, aquele que nomeia: "O complexo de Édipo é, como tal, um sintoma. É na medida em que o Nome-do-Pai é também o Pai do Nome, que tudo se sustenta, o que

não torna o sintoma menos necessário" (Lacan 1975-76: 23). Assim, o sinhoma é o suplemento que sustenta o enodamento dos três registros, de modo que o nó borromeano de três desaparece como tal, afirma Lacan (ibid.: 41). Apesar de num outro momento, o nó de três ser definido como o "suporte de todo sujeito" (ibid.: 52), ele fica referido ao nó da paranóia, sem, no entanto, ser borromeano; além disso, seus elos apresentam-se instáveis e em continuidade, o que impossibilita a diferenciação dos três registros, com todas as conseqüências disso para o sujeito.

A dimensão parasitária da fala revela o caráter de exterioridade do aparelho de linguagem que permanece velado ao neurótico. Lacan destaca em Joyce algo que lhe é de algum modo imposto e presente em seus escritos: "No que concerne à fala, não se pode dizer que alguma coisa não era, para Joyce, imposta" (Lacan 1975-76: 93). Sugere uma falha na ordem de transmissão das gerações atribuída a uma "carência paterna" devido a uma "*Verwerfung*" (Lacan 1975-76: 86).

O curioso é o destino dado a essa *Verwerfung*: em vez de uma psicose desencadeada, Joyce faz uso do que lhe é imposto e constrói um nome à custa do pai.

Não há nisso alguma coisa como uma compensação dessa demissão paterna, dessa *Verwerfung* de fato, no fato de Joyce ter se sentido imperiosamente *chamado*? Essa é a palavra que resulta de um monte de coisas que ele escreveu. É a mola própria pela qual o nome próprio é, nele, alguma coisa estranha. O nome que lhe é próprio, eis o que Joyce valoriza à custa do pai. Foi a esse nome que ele quis que fosse prestada a homenagem que ele mesmo recusou a quem quer que fosse (ibid.).

Com o que se impõe do parasitismo paterno, Joyce responde com a mestria no trato com a linguagem e constrói um nome e, apesar da ausência de inscrição do significante paterno, dele se serve na função de nomeação. É nesse ponto que Lacan irá se deter ao fazer uso da escrita de Joyce e da topologia dos nós para pensar formas de amarração dos três registros sem que passe pelo caminho da crença no Pai. É nesse sentido que o nó pode ser apreendido, como diz Lacan, como sendo o negativo da religião (Lacan 1975-76: 36).

Lacan se pergunta prioritariamente nesse seminário: "Em que o artifício pode visar o que se apresenta de início como sintoma? Em que a arte, o artesanato, pode desfazer, se assim posso dizer, o que se impõe do sintoma?" (1975-76: 23).

A desintegração da língua no último escrito de Joyce, que poderia se aproximar do campo da loucura como uma série infinita e descarrilhada de palavras, se faz através de um método apoiado em uma amarração que lhe é própria. Isto graças a um artifício que produz uma "emenda entre o seu sintoma e o parasita do gozo" (Lacan 1975-76: 71). O artifício procura, assim, estabilizar a relação de Joyce com a linguagem e, ao mesmo tempo, constitui-se no lugar de onde o sujeito extrai a sua satisfação (Mandil 2003: 261).

Uma certa inadequação de Joyce em relação ao seu nome próprio é percebida em seus escritos. O nome para ele é alguma coisa estranha, como nos diz Lacan. Joyce é chamado imperiosamente a construir um nome como resposta à demissão paterna como se fosse "ele mesmo seu próprio pai"<sup>20</sup>. Mas apesar de algo não ter sido transmitido, é possível fazer-se um nome através do que lhe é mais "individual" e, ainda assim, produzir uma relação com o Outro? É isto que tentaremos aprender com Joyce.

A complexidade das relações entre um autor e sua obra nos pede uma precisão antes de qualquer abordagem desta. Joyce e seu principal personagem Stephen Dedalus não se reduzem um ao outro e, por outro lado, não podemos dizer que não há relação entre eles. Vejamos o que o biógrafo de Joyce diz a respeito, posição que concordamos:

"O fato de estar transformando sua vida em ficção ao mesmo tempo em que a vivia o encorajou a sentir certo distanciamento do que lhe acontecia, pois sabia que poderia reconsiderar e reordenar tudo em função de seu livro" (Ellmann *apud* Mandil 2003: 182).

Desta forma, em Joyce, vida e obra se inserem no próprio curso da vida. A consideração de Ellmann também nos ensina sobre a importância tomada, em alguns casos, pelo curso dado a um personagem para a vida do autor. Num caso de nossa clínica a ser trabalhado nessa dissertação, o paciente, de modo bem reticente, como se só a Deus coubesse essa tarefa, nos pergunta em um momento crítico se lhe é permitido interferir no curso de um de seus personagens, a ponto de transparecer que a força desta interferência é bem maior do que a de um simples autor sobre o seu conto.

---

<sup>20</sup> Trecho extraído de uma exposição de Stephen Dedalus presente no comentário de R. Mandil acerca do nono episódio de *Ulisses*, em que o personagem de Joyce expõe a sua tese a respeito da relação entre o criador e sua obra; nisso a relação entre Shakespeare e Hamlet é tomada como paradigma (2003: 113-117; 189).

A entrada de Lacan na discussão, segundo Mandil (2003), não aponta, como alguns autores, "Stephen Dedalus" como o nome próprio pelo qual Joyce se reconheceria na dimensão da nomeação e, sim, estabelece entre os dois a interposição de um enigma (p. 183). Entretanto, isto não quer dizer que poderíamos ter a esperança de encontrar na obra de Joyce a resposta para os seus próprios enigmas, pois na escrita joyceana a enunciação não encontra o seu enunciado, tal como a própria definição de enigma feita por Lacan em seu seminário sobre o *sinthoma* (Lacan 1975-76: 65).

Gostaríamos, assim, de investigar como a obra incide sobre o nome próprio de James Joyce, permitindo-nos diferenciar o seu nome patronímico da construção por parte do autor de uma nova maneira em se ver designado em seu ser.

Seguindo a formulação de R. Mandil (2003), haveria uma dificuldade do autor Joyce em ser reconhecido em seu ser pelo nome que lhe foi herdado, ou seja, pelo seu nome patronímico. De forma manifesta em sua obra, observa-se também toda uma dificuldade do jovem personagem Stephen em se inscrever na tradição paterna, principalmente nos trechos em que a sua exaustão frente à voz do pai é explicitada. Num deles, em *Um retrato do artista quando jovem*, repete os nomes para si mesmo como último recurso para assegurar a sua identidade quando é impedido até mesmo de reconhecer os seus pensamentos: "Eu sou Stephen Dedalus. Estou andando ao lado do meu pai cujo nome é Simon Dedalus. Estamos em Cork, na Irlanda. Cork é uma cidade. Nosso quarto fica no hotel Victoria. Victoria e Stephen e Simon. Simon e Stephen e Victoria. Nomes" (Joyce 2006:103).

Nessa passagem, Mandil enfatiza o encadeamento narrativo que culmina no isolamento da palavra "Nomes", e observa que há um abalo na própria essência que compõe os nomes. Essa passagem, como algumas outras, introduzem o tema da relação entre os acontecimentos da vida de Stephen e a presença dos nomes próprios que "marcam esses mesmos acontecimentos, ou melhor, são os únicos sobreviventes dos acontecimentos" (Mandil 2003: 104-105). Caso não possamos dizer que há um abalo na essência dos nomes, ao menos notamos a incidência do nome como um recurso e elemento privilegiado de Joyce na tentativa de ordenar algo da realidade do personagem, porém a tentativa de impedir a experiência de dissolução pelo recurso ao nome próprio e ao nome de seu pai não se mostra suficiente.

No final de *Um retrato do artista quando jovem*, a experiência de dissolução do ser encontra a sua resolução na fabricação de um novo ser pela "assunção de sua condição de artista" (ibid.:186). Em meio a este processo, e às voltas com as vozes de

seus amigos que brincam na água, o jovem Stephen Dedalus escuta o 'chamado da vida': "Venha, Dedalus! *Bous Stephanoumenos! Bous Stephaneforos!*" (Joyce 2006: 179; Mandil 2003: 192). Nome tido como uma profecia pelo personagem, '*Bous Stephanoumenos*' significa "alma de boi"<sup>21</sup> [de Stephen], assim, algo do ser como "vivo" parece se apresentar. Mandil, por sua vez, esclarece que este nome se presta como verdadeira causa para o destino que se abre à sua frente (2003: 192). Forjar um novo ser a partir de si mesmo, como nos diz Mandil, também percorre as páginas de *Ulisses* (ibid.: 186).

Nessa via, por meio da leitura da obra, Mandil percebe que o "James Joyce" que assina *Finnegans Wake*, sua última obra, não é o mesmo "James Joyce" assinado em cartório, pois a partir dessa se terá atravessado uma experiência de gozo por meio da linguagem, agora associada à experiência literária (ibid.: 181).

O nome próprio tenta fixar um referente, a princípio não significa nada, pois, como diz Lacan (1960b), o seu enunciado iguala-se a sua significação. E nisso ele difere do nome comum, pois neste há uma descrição do referente que lhe traz uma significação. A senha e a palavra de amor (Lacan 1953: 25), assim como a injúria, têm em comum com o nome próprio a propriedade de se apresentar independente de sua significação.

O nome próprio como atributo do Outro, apesar de transmitir uma herança simbólica e alguma distinção, sempre traz uma insuficiência. Por esta via, ele vem mortificado pela linguagem, não sendo capaz de dizer algo sobre o ser. Também o "fato dele 'ser ensinado' revela a sua natureza exterior e seu caráter de ficção de linguagem" (Mandil 2003:191). É preciso, então, que o nome próprio alcance a função de nomeação para designar algo do ser. Temos na injúria, tal como alucinada pelo psicótico, um exemplo da tentativa de se nomear o ser do sujeito, substituindo o objeto indizível que está por definição perdido (Lacan 1957-58a: 541). O psicótico é, nesse caso, fixado a um significante.

Diante da insuficiência do nome próprio em designar o ser do sujeito, Lacan se pergunta em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*: "Mas, de onde provém esse ser que aparece como que faltando no mar dos nomes próprios?" (Lacan 1960b: 834). Esse ser vem por outra via e se chama "gozo", o excesso pulsional em termos freudianos, e designa o ser do sujeito não como sujeito morto, mas no que ele tem de vivo. Isto nos interessa na medida em que a função da nomeação na

---

<sup>21</sup>Cf. notas (Joyce 2006: 192).

perspectiva da psicanálise passa necessariamente pela dimensão do gozo. A nomeação como articulação entre significante e gozo, ao fazer surgir o vazio de descrição, contorna o lugar do objeto *a*, aquele que responde pelo "nome de gozo" (Miller 1992: 30). O nome que nos chega pelas insígnias do Outro e abordado pela identificação mostra-se, então, insuficiente para designar o ser do sujeito (ibid.: 32).

Esta formulação acerca dos nomes nos remete à emergência dos novos nomes descrita por Joyce em *Um retrato do artista quando jovem*. Bous Stephanoumenos como "alma de boi" é um exemplo de "nome de gozo" que permite ao jovem Stephen "escapar da mortificação à qual se via submetido" (Mandil 2003: 209).

O fato de Stephen Dedalus se nomear por outros nomes como "alma de boi", demonstra a co-dimensão entre o nome próprio e o nome comum apontada por E. Laurent (2003). É nesse sentido que Lacan afirma que um "monte de nomes implica apenas o seguinte - fazer entrar o nome próprio no âmbito do nome comum" (Lacan 1975-76: 87). Assim, o lugar do nome faz cadeia e é transmitido a outros, "trata-se da dimensão de referência que não cessa de se deslocar ao longo da seqüência de nomes" (Laurent 2003: 72). Vimos que a nomeação faz aparecer um furo na dimensão da significação e com isso, "a cadeia do nome entra no furo mesmo em que foi aberto" (ibid). Então, como um nome pode servir de arrimo? Segundo Laurent, a "operação do furo no sentido que a nomeação abre é certamente encontrada no fim, no ponto de arrimo que permite tapar o furo da fuga de sentido pela operação do nome próprio". Trata-se de uma operação topológica. É assim que Laurent traz o paradoxo formulado por J.-A. Miller: "tampar com um furo" (ibid).

Segundo Lacan (1975-76), a "idéia de si como corpo", precisamente o que chamamos de ego, demonstra em Joyce uma relação de alheamento ao corpo próprio que, por vezes, é *deixado cair*. Joyce, então, constrói artesanalmente um ego que lhe faz consistir um corpo através de seu nome como escritor que, segundo ele, daria trabalho aos universitários por trezentos anos. Isto indica que a escrita é essencial para o seu ego. Um ego que lhe serve de quarto elo do nó e vem restaurar a relação faltante com o corpo próprio, mas não um ego que se estruture narcisicamente, ou seja, as coordenadas não são oferecidas pelo imaginário e, sim, por uma escrita do nome. Um artifício de escrita que circunscreve o real através do simbólico e, ao fazer laço com o Outro através da publicação de *Finnegans Wake*, contribui para a estabilização do nome de James Joyce.

### 3.3 - CASO CLÍNICO -

*(O CASO CLÍNICO NÃO PODERÁ SER EXPOSTO POR RAZÕES DE SIGILO. PARA DAR CONTINUIDADE A LEITURA DA DISSERTAÇÃO, POR FAVOR, REMETA-SE AO FINAL DA PÁGINA 83).*

























### 3.4 - PSICOSES ORDINÁRIAS

Lacan em seu texto *De uma questão preliminar sobre o tratamento possível da psicose* (1957-58a) assinalava uma ruptura acentuada entre neurose e psicose, no nível dos efeitos da forclusão do Nome-do-Pai. A elaboração que se seguiu ao longo desses 30 anos criava uma defasagem ao que se vinha presenciando na clínica. Um refinamento ou até mesmo um esforço de leitura e discussão dos textos de Lacan fez-se necessário.

Para isto, uma série de encontros foram feitos por um coletivo de analistas<sup>22</sup>, a partir de textos clínicos trazidos pelos participantes. O Conciliábulo de Angers em 1996 é o primeiro. Discutiu-se diante do novo, os "efeitos de surpresa na clínica das psicoses". Na Conversação de Arcachon em 1997, a atenção se voltou para os casos que resistiam à classificação estrutural, os "casos raros, inclassificáveis da clínica". Na Conversação, privilegiou-se a troca entre os pares e não um consenso. Já na Convenção de Antibes em 1999, passou-se do caso raro para o freqüente, e foi anunciada a noção de "psicose ordinária"<sup>23</sup>, procurando entrar em um acordo quanto a certos conceitos.

Os três encontros marcam um período de escansão para uma comunidade analítica repensar os conceitos tradicionais utilizados na clínica das psicoses, e articulá-los tanto com a pluralização dos Nomes-do-Pai indicada por Lacan nos anos sessenta, quanto com as últimas formulações lacanianas, na qual se faz uso dos nós, a partir de uma clínica borromeana. O interesse não era só epistemológico, mas foi tomado pelos participantes como um imperativo vindo da própria clínica, por se encontrarem com casos que não apresentavam os sinais típicos da psicose; entretanto, apresentavam "sinais mínimos" de uma organização não regida pela inscrição do significante paterno. As ferramentas teóricas utilizadas até então não se mostravam efetivas nestes tratamentos. E foi a partir da clínica que se pôde, então, avançar na teoria.

A solução *standard* oferecida pelo Nome-do-Pai é posta pelos participantes lado a lado às soluções radicalmente singulares e artesanais do psicótico para se ordenar na linguagem. A discussão é permeada pela consideração da equivalência do Nome-do-Pai ao sinthoma, equivalência indicada por Lacan (1975-76), e evidenciada por Miller.

Desta forma, a psicose ordinária retoma a tese de J.-A. Miller de 1986 acerca da "forclusão generalizada", em que é suposto, a partir do ensino de Lacan, um modo generalizado de forclusão na própria estrutura da linguagem e, portanto, todo ser falante terá que se haver com um impossível de nomear, utilizando para isto o sintoma.

<sup>22</sup> Analistas participantes das Seções Clínicas de fala francesa do Campo Freudiano.

<sup>23</sup> Alguns autores sugerem a tradução do termo francês *psychose ordinaire* para "psicose comum" ou "psicose corriqueira". O comum e o corriqueiro são utilizados em dois sentidos: como o que é habitual, regular, e como aquilo que é simples. Ao contrário do que é extraordinário, como, por exemplo, extraordinário em sua abundância sintomatológica. A vantagem do termo comum ou corriqueiro sobre o termo ordinário é que nos dois primeiros é descartado o sentido negativo que o último termo, visto na língua portuguesa, pode trazer; como "má qualidade; inferior, grosseiro" (cf. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. "Mini Aurélio século XXI"- *o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.501). Fato que não ocorre no termo francês *ordinaire*, ao indicar o sentido de "usual", "habitual" (cf. *Dictionnaire Larousse*, collection Apollo, Paris: Ed. Larousse).

A questão, então, é saber mediante que função esse sem nome resulta domesticado. Dado que o rechaço do gozo se produz em todos os casos, a questão é saber o que o domestica. Pois bem, o sintoma leva a cabo esta contenção. Por isso, a função do pai é a função do sintoma (Miller 1998: 381).

As diferentes maneiras de se defender do real são destacadas nas conversações. A "clínica irônica", outra proposta de Miller, também serve de base para a discussão em torno da psicose ordinária. A afirmação de Lacan a respeito do esquizofrênico, sinalizando que para ele "todo simbólico é real" (Lacan 1954: 394), é resgatada por Miller, ao propor que "todos os nossos discursos não passam de defesas contra o real" (1996b:190), afirmando, assim, uma "clínica universal do delírio". O esquizofrênico seria aquele que não evitaria o real, situando-o como paradigma dessa clínica irônica: "se o esquizofrênico é esse sujeito para quem todo o simbólico é real, é certamente a partir de sua posição subjetiva que pode parecer que, para os outros sujeitos, o simbólico é apenas semblante" (p.192). Nesta perspectiva, a crença no Pai torna-se um delírio compartilhado do neurótico.

A discussão empreendida na Conversação de Arcachon nos pareceu fértil em vários sentidos, sobretudo, quando se considera a questão do desencadeamento nas psicoses. Sendo assim, privilegiaremos estes momentos. Na ocasião, J.-A. Miller (In: Miller *et al* 1998: 111) sugere o termo *débranchement* - traduzido por 'desligamento' do Outro, em contraponto à teoria do desencadeamento disruptivo presente nos anos 50 na teoria lacaniana. Afirma que um sujeito pode de "desligamento em desligamento chegar a uma vida errante" (p.115). Propõe ser o desligamento um processo silencioso e muitas vezes imperceptível.

Retomemos a teoria freudiana da libido em uma abordagem do caso Schreber e veremos o que aproxima e o que distancia o termo cunhado por Miller, o desligamento, e o desencadeamento. Freud já dizia que na psicose o processo de desligamento da libido em relação às pessoas e às coisas, é absolutamente silencioso. Ao falar sobre o "recalque" na análise do caso Schreber, ele diz:

Acontece silenciosamente; dele não recebemos informações, só podemos inferi-lo dos acontecimentos subseqüentes. O que se impõe tão ruidosamente à nossa atenção é o processo de restabelecimento, que desfaz o trabalho de

recalque e traz de volta novamente a libido para as pessoas que ela havia abandonado (Freud 1911: 95).

Laurent, durante a Conversação de Arcachon, situa os desligamentos sucessivos do Outro como um silêncio entremeado de gozo relacionado à pulsão de morte. Por se apresentar de forma silenciosa, propõe considerá-lo como o avesso do desencadeamento (Laurent In: Miller *et al* 1998: 124). O que diferencia o "recalque" na análise do caso Schreber do desligamento do Outro, é que, neste último, o psicótico pode ficar por tempo indeterminado em uma certa retração sem que seja levado necessariamente a uma eclosão da sintomatologia psicótica, ou que seja mais plausível ter os seus desenganches e reenganches sem muita quebra na continuidade e evolução do caso. Laurent (*ibid.*), em uma das indicações precisas da Conversação, sugere articular a clínica do desligamento com a clínica da pulsão.

C. Soler, no mesmo sentido, adverte não tomarmos a clínica do desligamento do Outro por uma fenomenologia do laço social (In: *ibid*: 123). Toma como base em seu argumento o debate entre Freud e Jung sobre a teoria da libido em que utilizam a metáfora do "anacoreta". Para Freud, o fato de um anacoreta erradicar todos os seus interesses e se isolar, não significa que ele tenha uma localização patogênica da libido (Freud 1914: 97).

O que podemos extrair da proposta de Miller e colegas, ao indicarem uma nova abordagem do desencadeamento, é ficarmos atentos não só aos fenômenos elementares típicos da clínica psiquiátrica e, assim, nos determos naquelas situações em que há uma deslocalização do gozo. Trata-se neste caso de uma não localização do gozo nas zonas erógenas, na medida em que é a significação fálica que possibilita o ordenamento simbólico dos objetos pulsionais. Desta forma, torna-se pertinente considerarmos os efeitos de desligamento do Outro como estando lado a lado com os fenômenos elementares, no sentido do retorno de algo que não foi simbolizado e que se apresenta no real. A idéia de uma psicose não desencadeada não deixa de conviver bem com a noção de desligamento do Outro, devido à pertinência deste último para ajudarmos a pensar os casos em que não é possível situar um desencadeamento marcado por um antes e um depois, e que apresentam sinais ínfimos e não ruidosos dos efeitos da forclusão do significante Nome-do-Pai.

J.-A. Miller em Arcachon, diante do binário neurose e psicose extraído de uma clínica estruturalista que se baseia no traço distintivo *Nome-do-Pai, sim ou não*, propõe

deslocá-lo para outro binário: *ponto de capitonê, sim ou não*, guiando-se na oposição feita por ele anos atrás entre as doenças da mentalidade e as doenças do Outro<sup>24</sup>. O último binário ficaria, assim, mais em consonância com a formulação da clínica borromeana, pois nela a dificuldade de se precisar o elemento diferencial é maior. O ponto de capitonê<sup>25</sup>, no caso, "é menos um elemento do que um sistema de atar, um aparelhamento fazendo ponto de capitonê, fivela, grampo" (In: Miller *et al* 1998: 105) no modo de enodamento dos registros real, simbólico e imaginário.

A equivalência entre sintoma ( $\Sigma$ ) e Nome-do-Pai é valorizada por Miller, ao situá-la como o princípio cardeal da clínica borromeana:  $\Sigma = NP$ . Assim, o ponto de capitonê possuiria duas formas principais: o Nome-do-Pai e o sintoma<sup>26</sup> (In: *ibid*: 106). Sintoma entendido aqui como um aparelho que assegura a articulação entre uma operação significativa, um nome, e suas conseqüências sobre o gozo do sujeito (In: *ibid*: 118).

Miller propõe também que observemos as gradações entre o ter e o não ter ponto de capitonê, abrindo espaço para uma clínica continuísta. Isto quer dizer que a clínica borromeana é mais elástica se considerarmos a generalização da forclusão. Contudo, a gradação, em última instância, se dá no interior do "grande capítulo das psicoses", diz Miller (In: *ibid*: 171).

Segundo Guéguen (2002), posição com a qual concordamos, haveria uma continuidade em relação aos fenômenos, mas ela ocorreria sobre um fundo de descontinuidade. Simplesmente porque ocorrem casos em que a forclusão do Nome-do-Pai não é constatável.

seja porque os transtornos da linguagem não estão presentes ou não são perceptíveis pelo exame clínico aprofundado, seja porque tenhamos diante de nós um caso em que o desencadeamento não aconteceu, seja ainda porque os transtornos do qual o sujeito é acometido manifestam-se, ao menos de maneira provisória, na ordem do gozo e não na ordem do significativo. (...) Pode haver gradações nos transtornos manifestos da psicose, isso não muda o fato que se trata de uma *desordem provocada na junção do mais íntimo do sentimento da vida* (p.2).

<sup>24</sup> Discutimos essa diferenciação na ocasião da apresentação do caso Mlle. B., presente no segundo capítulo dessa dissertação.

<sup>25</sup> Ponto de acolchoado; equivale também ao que estamos chamando de ponto de basta.

<sup>26</sup> Apesar de constar a palavra sintoma no nosso exemplar em versão traduzida para o português, provavelmente J.-A. Miller está referindo-se aqui ao *sinthoma*.

Nas discussões empreendidas, foram abordados casos que contribuem para considerarmos diferentes formas de se responder à ausência da significação fálica. Num dos casos mais pertinentes, Deffieux (In: Miller *et al* 1998) relata que seu paciente dizia lhe "faltar energia". Articulado a isso, relata uma cena aos oito anos de seu paciente sobre o "abandono do corpo como uma vestimenta velha" (p.17). Na Convenção de Antibes, encontramos relatos de sentimentos de "desabitar a vida", simultâneos à representação de papéis "normais" (In: Miller *et al* 2005: 29). Relações de estranheza e abandono em relação ao corpo próprio, que não constituem propriamente um desencadeamento, e que talvez estivessem mais próximos de um fenômeno elementar, no sentido do *deixar cair* o corpo. Entretanto, o estatuto desses fenômenos só pode ser avaliado no tratamento em si, para não cairmos no risco de tomá-los isoladamente.

Na Convenção de Antibes, além das articulações entre o desencadeamento clássico e os enganches e desenganches do Outro, encontramos elaborações sobre o que eles chamam de "neo-conversões", em que são discutidas as diferenças entre uma conversão histórica e uma hipocondríaca, por exemplo. Quanto às "neo-transferências", os expositores se perguntam quanto à direção do tratamento quando recebemos casos como esses.

O termo psicose ordinária - que em nosso entendimento corresponde ao de psicose não desencadeada - não equivale à noção de inclassificável. Psicose ordinária, além do que já expusemos e discutimos, também poderia ser lida como uma expressão de nossos tempos, se entendermos que o estilo dos sintomas e a forma na qual eles se apresentam mudam com o decorrer do tempo e se afetam pelo espírito de nossa época. Segundo M.A.Vieira, o termo psicose ordinária seria uma forma de interrogar o Outro contemporâneo.

Ao exibir diferentes modos de lida com o real distintos da premissa universal do falo, nos fornecem a possibilidade de interrogar o estatuto do Outro contemporâneo. Essencialmente do papel, nele, do Nome do Pai. (...). Ele narra a dificuldade atual de se construir grandes sistemas delirantes espelhando-se no edifício paterno, uma vez que o Pai já não mais sustenta as poderosas instituições verticais de outrora (Vieira 2005, inédito).

Consideramos pertinente a posição de que as formas clínicas são afetadas pelas mudanças no estatuto do Outro, e de que a psicose ordinária poderia vir a interrogar este



estatuto, especialmente por não ser regida pela norma, e ao mesmo tempo, não destoar tanto dela. Contudo, não nos propomos trazer aqui os elementos necessários para a discussão desse ponto de vista relacionado ao papel do Nome-do-Pai na contemporaneidade, já que alargaria em muito a nossa proposta de trabalho.

O termo inclassificável sinaliza que há casos que resistem a qualquer classificação, sejam as nossas, sejam as da psiquiatria; por isso o termo é suscetível de cair no engodo dos casos limite entre neurose e psicose. Em outra perspectiva, podemos dizer que qualquer classificação tem um ponto de inclassificável, por reconhecermos aí algo do sujeito. É neste sentido que Jean-Claude Milner, ao falar das "classes paradoxais", indica que à psiquiatria é permitido construir nosografias, podendo até enumerar sintomas como propriedades caracterizadoras; já a psicanálise deve reconhecer que se trata aí de semblantes, pois

algo para além, subsiste e não está esgotado na classe representável. (...) é que o laço que, segundo toda aparência, é construído pelo nome comum só tem de substância o que separa para sempre os ligados. E, se entendermos estes últimos pelo que os faz se assemelhar, deveríamos estar, ao mesmo tempo, seguros de ter perdido o que, pelo nome, era visado de real. O nome de neurótico, de perverso, de obsessivo nomeia ou finge nomear a maneira neurótica perversa e obsessiva que tem um sujeito de ser radicalmente dessemelhante de qualquer outro (Milner 2006: 91).

Propomos, então, a cada novo caso visar o sujeito que não se resume à classe. E ao mesmo tempo, articular a artificialidade desta ao que podemos extrair do que lhe é mais estrutural, produzindo uma tensão entre a classe e o sujeito.

### **Um programa de investigação**

Situar a psicose ordinária como um programa de investigação nos distancia da tentação de tratá-la como um diagnóstico a mais no campo das psicoses que circunscreveria determinadas características fenomenológicas ou ainda como uma categoria clínica limite entre a neurose e a psicose.

Indo em outra direção, o programa de investigação proposto por Eric Laurent (2007), ao abordar a clínica a partir da psicose ordinária, propõe estabelecer uma certa pragmática, caso a caso, de como o sujeito pode vir a enodar as consistências do real, simbólico e imaginário. Inclui, assim, as seguintes perguntas fundamentais para a orientação do tratamento: "Como o sujeito interpreta os acontecimentos de corpo que lhe chegam? Como faz com a dispersão do imaginário? E como trata de recorrer a normas mais ou menos estabelecidas para apoiar-se na construção de algo?" (p 88). Estes sujeitos não se apóiam nem mesmo em um delírio sistematizado, como é o caso da paranóia dita "pura", em que o delírio circunscrito atinge apenas algumas áreas do seu meio social, deixando outras bastante preservadas.

Desdobramos a última pergunta na seguinte: Como o sujeito consegue, de uma maneira muito especial, se afinar com a norma sem a garantia de uma realidade compartilhada oferecida pelo Nome-do-Pai e pela significação fálica? Em outras palavras: Como ele consegue manter algo muito próprio, de um jeito meio estranho e não compartilhado, e ao mesmo tempo não desafinar muito do senso-comum e estar no mundo trabalhando, estudando, muitas vezes, sem o uso de medicações anti-psicóticas como o caso discutido nessa dissertação? E, finalmente, como pensar na direção do tratamento nestes casos?

Resgataremos a proposta de um trabalho de investigação que resultou em toda uma perspectiva atual no tratamento das psicoses não desencadeadas e veremos, a partir daí, como ele pode ser relançado.

Segundo Laurent (2007), a invenção do termo psicose ordinária por J.-A. Miller em 1998 foi uma pontuação de um trabalho já em andamento antes mesmo das três conversações anteriormente citadas (Angers, Arcachon e Antibes). Havia antes um programa de trabalho que dizia respeito à clínica das psicoses relacionada ao conceito lacaniano do objeto *a*. Uma clínica não só referida ao significante e, sim, ao par ordenado  $S_1 - a$ , ou seja, este par ordenado nos indica que há algo no significante que se apresenta como objeto. A partir deste reordenamento da clínica pela introdução do objeto *a*, a primeira abordagem do programa de investigação descrita por Laurent foi feita através das grandes psicoses, as psicoses extraordinárias - paranóia, esquizofrenia, melancolia/ mania.

Em seguida, o programa de trabalho enfrentou o contexto da psicanálise e o movimento analítico em geral dos anos 90, que trouxe o êxito na difusão dos "casos-

limite", promovido por seu maior expoente - Otto Kernberg. Segundo Laurent, Kernberg passou a considerar os "transtornos de personalidade" e constituiu uma clínica que se baseava no equilíbrio dinâmico entre processos neuróticos e processos psicóticos, separando a personalidade *borderline* da psicose como tal. Segundo Laurent, nos anos noventa, Kernberg pretendia renovar a clínica ao mesmo tempo em que negociava, com a promoção do DSM<sup>27</sup>, a clínica das síndromes, a clínica da desconstrução das categorias clássicas. A negociação pretendia manter um eixo dentro do novo sistema de classificação - o eixo II referido aos "transtornos de personalidade". Negociava-se, então, um lugar para a psicanálise com a clínica da psiquiatria biológica. Diante desse panorama, o programa de trabalho a partir do referencial lacaniano necessitava propor uma orientação sobre essa clínica que se mostrava forte. Foi neste momento que se produziu o encontro com a leitura de Jacques-Alain Miller sobre o par ordenado  $S_1 - a$ . Nesta leitura<sup>28</sup> Miller dizia que um significante não vai sem a sua cara de gozo (Laurent 2007: 85).

Assim, se constituiu o interesse pelo funcionamento do  $S_1 - a$ , como o que viria assinalar a identificação do sujeito com o seu gozo. O  $S_1$  que não faz cadeia é tido, então, como uma perspectiva clínica. Antes, a orientação do tratamento na psicose era basicamente centrada num encadeamento significativo através do delírio. Ou seja, um significante que se apresenta no real, um  $S_1$  - como é o caso da alucinação - é suscetível de fazer cadeia pelo delírio, constituindo uma significação graças a um  $S_2$ . Com a perspectiva de tomar o significante isolado como uma ferramenta clínica, foi possível abordar a clínica das psicoses de uma maneira geral, inclusive aquelas psicoses que não tinham produção delirante e descritas pelos clínicos como psicose com mecanismo de defesa neuróticos, ou aqueles casos tidos como neurose com fenômenos psicóticos incluídos, e toda a apresentação difícil e confusa de uma clínica fora das categorias ordenadas. Desta maneira, a ferramenta para introduzir uma perspectiva lacaniana neste contexto foi o  $S_1$ , o significante isolado, que serviu para interrogar o fenômeno elementar e a relação do sujeito com suas suplências.

---

<sup>27</sup> Sigla do manual de doenças mentais estabelecido pela Associação Norte-Americana de Psiquiatria, denominado *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Atualmente encontra-se na sua quarta edição - o DSM-IV.

<sup>28</sup> Esta leitura é encontrada no capítulo XIV do seminário de J.-A. Miller, *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

Segundo Laurent, as psicoses não desencadeadas foram estudadas sobre uma outra perspectiva em relação a aquele contexto: "não se considerar que até o momento do desencadeamento é neurose, e depois, *tac!* Se produz o desencadeamento e, então, passamos para outro espaço subjetivo. Havia de se considerar que de antemão já não estávamos no registro da neurose" (Laurent 2007: 85). Alguns termos utilizados por Lacan (1955-56) em seu seminário sobre as psicoses como o de "pré-psicose" e "entrada na psicose" vistos nessa dissertação, podem vir a ser lidos como se não se tratasse de psicose em um momento anterior e só no momento do desencadeamento é que estaríamos nela. No entanto, a idéia de estruturas subjetivas é encontrada em Lacan desde esse seminário, quando ele utiliza a noção de "estruturas freudianas das psicoses" (Lacan 1955-56: 209). A diferença entre as estruturas se faz pela presença ou ausência de uma determinada ordenação.

Nesse sentido, Lacan resgata o que Freud deixou como referência às estruturas das psicoses e as articula com a noção de estrutura em um sentido mais amplo, toma a linguagem em seu aspecto estrutural, como um "grupo de elementos formando um conjunto co-variante" (ibid: 210). Por esta definição, cada elemento tomado em si é indiferente, pois só tem validade na relação com os outros. Para Lacan (1955-56: 210), na análise da relação entre significante e significado, encontramos relações de grupos fundadas em conjuntos fechados ou abertos. O fato de ser um conjunto, e não uma totalidade, possibilita vir algo a mais como um suplemento, e não complemento, indicando que a estrutura também é aberta. Esta formulação sobre a estrutura, encontrada nos anos cinqüenta, nos ajuda a pensar a noção de suplência como um suplemento, algo a mais diante de um vazio que é estrutural. Um suplemento à ausência de inscrição da relação sexual, como diz Lacan anos mais tarde (1972-73: 66).

Retomando a perspectiva de Laurent, todo aquele programa anterior vetorizado pela pesquisa da clínica das psicoses relacionada ao par ordenado  $S_1 - a$ , culminou em 1998 com o termo psicose ordinária, que vem nomear o que na realidade é um programa de investigação. O programa é, então, relançado agora em outro contexto e de maneira mais ampla.

Para introduzir o atual contexto no qual o programa de investigação se insere, Laurent (2007) sinaliza as mudanças previstas para a nova edição do manual de doenças mentais da psiquiatria norte-americana - o DSM-V. Dentre todas as mudanças, a mais expressiva é o desaparecimento da categoria dos "transtornos de personalidade".

Segundo Michael B. First (2004)<sup>29</sup>, há uma insatisfação dos clínicos e pesquisadores em relação ao modelo categorial da atual - IV - edição do DSM. A problemática é mais evidente quanto aos limites confusos e imprecisos da classificação diagnóstica dos transtornos de personalidade. Por exemplo, um paciente grave preenche os critérios para ser diagnosticado em três, quatro ou cinco tipos de transtornos de personalidade. Além disso, segundo First, há muito mais semelhança do que distinção entre o eixo I (dos grandes transtornos como a esquizofrenia, o transtorno do humor e os de ansiedade) e o eixo II (dos transtornos de personalidade como o esquizotípico, o *borderline*, e o obsessivo-compulsivo, por exemplo). A proposta para o DSM-V é baseada, então, na mudança do modelo categorial para o modelo dimensional, criando uma continuidade entre os transtornos dos dois eixos, na forma de um espectro. Assim, o que é o transtorno de personalidade do tipo esquizotípico (eixo II), passaria para a esquizofrenia (eixo I); o transtorno de personalidade obsessiva-compulsiva (POC-eixo II) se juntaria ao mesmo grupo do transtorno obsessivo-compulsivo (TOC-eixo I); o transtorno de personalidade *borderline* (eixo II) provavelmente iria para os transtornos do humor (eixo I), e assim por diante.

Na verdade, a mudança prevista não alteraria em si o modelo categorial, apenas extinguiria o eixo II relacionado à categoria dos transtornos de personalidade, transferindo-o para o eixo I, das grandes doenças. Por um lado, diminuiria a pulverização atual dos transtornos. Mas o que mais está em jogo? Provavelmente, a nosso ver, trata-se do alcance do tratamento. Como a personalidade em si não é tratável, é mais coerente propor um tratamento dirigido não à personalidade e, sim, à própria doença em si. Assim, a incidência da medicação recairia sobre a doença e não sobre a personalidade intratável, ampliando a aplicação dos medicamentos.

E quais seriam as conseqüências do desaparecimento do transtorno de personalidade para a psicanálise? Laurent destaca o destino dado à negociação feita anos atrás com o advento da categoria de *borderline* e a conseqüente formulação dos transtornos de personalidade. Neste sentido, segundo Laurent, a psiquiatria biológica considera que a negociação feita no final dos anos 80 com os "universitários inspirados pela IPA" já está por ser superada (Laurent 2007: 86)<sup>30</sup>. Com isto, os analistas implicados naquela negociação terão que abordar a clínica dos *borderlines* e todo o

---

<sup>29</sup>Cf. utilizamos o *web site DSM-V Prelude Project* (<http://www.dsm5.org/>).

<sup>30</sup>O comentário de E. Laurent faz alusão a uma discussão presente no livro de Kupfer, D.J.; First, M.; Regier, A. *A research agenda for DSM V*, American Psychiatric Association, Washington, 2005.

campo dos "casos-limite" sem o apoio do discurso estabelecido das grandes classificações psiquiátricas sobre os "transtornos de personalidade" (ibid.).

Sabemos que a psicanálise lacaniana não se fundamenta sobre a categoria do transtorno de personalidade; no entanto, a discussão empreendida não é sem importância. É até mesmo curiosa, na medida em que investigamos as psicoses não desencadeadas e trabalhamos em uma instituição cuja orientação principal é a psiquiatria orgânica. Nesse meio, muito do que reconhecemos como psicose não desencadeada é diagnosticado como transtorno de personalidade. Nesta via, Laurent propõe utilizar o programa de investigação para servir de direção neste contexto de mudanças: "Temos que utilizar nosso programa como investigação empírica e clínica para estar à altura destas mudanças da atmosfera clínica, para nos incluir nesta conversação que se desloca" (ibid.: 87).

A contribuição desta investigação se faz ao demonstrar na prática como um psicótico que não delira pode produzir um enodamento através de algumas pontuações e escansões, sem que a direção do tratamento siga em uma construção de sentido, através de um delírio infinito, separando-o do discurso comum. Neste sentido, resgatamos uma fala de Laurent durante a Conversação de Arcachon que diz respeito à posição do analista na clínica quando não se observam os sinais típicos da psicose: "É preciso fazer-se de capitonê e do destinatário desses sinais mínimos. É preciso entrar na matriz do discurso pelo sinal e não pelo sentido, o que supõe decidir que existe uma entrada possível" (Laurent, In: Miller *et al* 1998: 125).

Estes modos de pontuação podem servir de contribuição não só para o tratamento das psicoses em geral, com repercussões também no campo da saúde mental, como para o tratamento da própria neurose. Resta investigar e tirar consequências das diferenças. A decisão em apostar ou em não apostar, em determinado momento do tratamento, em um encadeamento produzindo significações, sejam elas delirantes ou não, é uma decisão que se baseia na direção possível a ser seguida pelo sujeito em análise. O analista não deixa de apostar que o gozo possa vir a se encadear num trabalho significativo; entretanto, durante este trabalho visa assinalar e destacar a produção de um  $S_1$  que fixa o gozo, ou seja, um significante isolado que produza um ponto de parada, como é o caso da nomeação.

A investigação segue, portanto, com a perspectiva de aprender com a psicose ordinária, mas sem perder de vista o que aprendemos e o que ainda podemos extrair da

psicose extraordinária. A investigação sobre as psicoses ordinárias segue também com a perspectiva de inserção no novo contexto, sem a presença do discurso estabelecido dos transtornos de personalidade. Incluir-se nessa discussão, segundo Laurent, não significa convencer a psiquiatria orgânica, a saúde mental e o nosso meio em geral a respeito de nossos significantes, pois neste campo do convencimento perderíamos, já que a indústria farmacêutica possui um suporte de marketing para produzir os seus próprios significantes e com muita eficiência. Participar dessa discussão significa utilizar os "nossos significantes para passar ao nível do particular, ou do singular. E isso é um recurso muito potente" (2007: 103). Dessa forma, o programa de investigação além de clínico, mostra-se também político.

## CONCLUSÃO

Acreditamos ter sido possível demonstrar com o nosso trabalho uma dimensão da psicose mais discreta e sutil. E com isso, assinalar a possibilidade de o psicótico manter-se estabilizado sem ter ao menos um desencadeamento, ou quando este ocorre, ele não se apresenta de forma disruptiva.

Consideramos a possibilidade de haver nesses casos fenômenos elementares como expressão do retorno de algo não simbolizado e que se apresenta no real, mas trata-se de fenômenos não vinculados ao desencadeamento. Além destes, vimos na Conversação de Arcachon, na Convenção de Antibes e na nossa apresentação de caso, determinados fenômenos não atrelados ao significante e que se apresentam na esfera corporal. Encontramos nestes casos, posições específicas em relação ao corpo próprio, indicando um possível ordenamento psicótico. Alguns fenômenos estariam mais do lado de um desenganche do Outro, de um "desligamento" (*debranchement*) do Outro, do que do lado de um desencadeamento propriamente dito.

Com relação à bipartição neurose e psicose, concordamos com Freud quando ele afirma que as semelhanças vão muito longe, pois no fundo, o campo de fenômenos é o mesmo (Freud 1917 [1916-1917]). É assim que entendemos uma continuidade proposta entre os dois campos. A continuidade se daria também em relação a um vazio estrutural no campo da linguagem, levando neuróticos e psicóticos a uma necessidade comum de construir respostas diante disso, mas pressupomos que por ter ocorrido a forclusão do Nome-do-Pai, as respostas do sujeito para se defender do real se darão de determinada maneira. Há algo que não foi inscrito e isso traz conseqüências, mesmo que não sejam evidentes, como é o caso da psicose sem o desencadeamento.

Privilegiamos em nosso estudo duas soluções possíveis para o psicótico manter-se estável e, com isso, impedir um desencadeamento. Por que a escolha da compensação imaginária e da nomeação? Porque são duas soluções que nos permitem aprender algo sobre as psicoses não desencadeadas. A compensação imaginária foi a solução trazida por Lacan em seu seminário sobre as psicoses para se pensar o modo como o sujeito se



mantinha na existência antes do desencadeamento. Observamos o contexto desta formulação lacaniana ao apresentarmos o que diz H elene Deutsch a respeito da prova de realidade como elemento decisivo para descartar o diagnóstico de psicose. Pressuposto problemático que faz obstáculo   considera o de uma psicose a um sujeito que não destoe do senso-comum. A nomea o, por sua vez, foi escolhida por trazer algo da particularidade do caso por mim atendido.

Vimos algumas conseq ncias da não incidência do Nome-do-Pai para a estabiliza o de um corpo. Pela compensa o imaginária, o sujeito fica   mercê da instabilidade da imagem e da presença do semelhante a quem se engancha. Caso este parta, ou algo irredutível   semelhança se interponha, o sujeito se desestabiliza. Em rela o ao caso Mlle.B., através de sua dificuldade em constituir um corpo, ela nos ensina que este não nos   dado a princípio,   preciso, como demonstramos, uma "nova a o psíquica" para a sua constitui o. Assim, para a constitui o de um corpo,   necessário que o corpo pulsional seja habitado pela vestimenta imaginária. E isto só   possível acontecer de uma maneira mais estável através da incidência de um nome, que produza uma opera o simbólica unindo real e imaginário.

Este nome pode ser tanto o Nome-do-Pai quanto um outro nome que cumpra a fun o de amarrar os registros imaginário, real e simbólico. A partir da fun o de nomea o, aprendemos com Joyce a sua maneira de fazer-se um nome sem que este seja atribuído pelo Outro. A nomea o permite que o psicótico não siga a via infinita da constru o de sentido, como   o caso de alguns delirantes. Vimos que a nomea o faz a fun o de ponto de basta.

No caso Mário, o nome "romano" lhe proporciona um ponto de basta na procura por uma origem, neste ponto de amarra o   localizado um lugar possível para Mário na história. Mas como observamos,   no "professor de latim" que o laço com o Outro se mostra mais possível. Tanto o nome quanto a sua articula o com a língua, proporciona uma estabiliza o para o seu corpo.

Privilegiamos a variedade das solu es que podem servir como escansão e circunscri o do gozo desmedido nas psicoses. O ponto de basta, entendido em seu sentido ampliado, deixa de ser referido apenas a amarra o entre significante e significado, como na neurose ou na metáfora delirante, e passa a compreender t mbe significante e real, como na nomea o. Abre-se, assim, toda uma perspectiva para o tratamento da psicose.

Destacamos também outras soluções, invenções e artifícios que fazem lastro às psicoses. Como no uso de uma outra língua no caso Mário, e também na certeza, mas não só a delirante. Uns mais sofisticados do que outros, como o artifício joyceano, em que se consegue fazer uma ponte entre simbólico e real ao nomear algo do gozo do sujeito e ainda assim, fazer um laço com o Outro. E outras soluções menos sofisticadas e talvez mais instáveis.

Encontramos um fio condutor no nosso trabalho que não estava previsto a princípio. É o conceito de Nome-do-Pai que traçou o caminho do encontro com Um-pai na discussão sobre o desencadeamento presente no primeiro capítulo, percorreu o segundo capítulo como elemento decisivo na constituição de um corpo, e se pluralizou no terceiro capítulo para demonstrar que o corpo pode ser amarrado por outros nomes diversos do Nome-do-Pai.

Ao longo da dissertação, nos deparamos também com algumas questões pertinentes que ficaram em aberto. Destacamos uma a respeito das semelhanças e diferenças entre a nomeação tal como exposta no último ensino de Lacan, e a metáfora delirante presente na elaboração dos anos 50.

Com o programa de investigação acerca das psicoses ordinárias trouxemos a proposta de E. Laurent de destacar algumas ferramentas clínicas para o tratamento da psicose ordinária que não tem na construção delirante uma via de direção de seu tratamento. O programa indica que utilizemos também o que as grandes psicoses podem nos ensinar. Vimos que o programa de investigação segue agora em um contexto de desaparecimento da categoria de transtorno de personalidade que não está programada para constar na próxima edição da classificação oficial de doenças mentais da Associação Norte-Americana de Psiquiatria - o DSMV. E isto nos convida a participarmos da discussão através da contribuição da psicanálise que sinaliza a marca singular de cada solução apresentada pelo psicótico para evitar o desencadeamento. Assim, demonstramos que esse programa além de clínico, ele apresenta também a sua vertente política.

Consideramos a psicose ordinária como correlata ao que estamos chamando de psicose não desencadeada. Ao situarmos a psicose ordinária como um programa de investigação, distanciamos-nos de considerá-la como um diagnóstico a mais.

Dizer que um determinado sujeito apresenta uma psicose não desencadeada, ou que ele tenha uma psicose ordinária, não significa saber de antemão do que se trata. Diante de uma psicose não desencadeada não tem outra forma para lidar a não ser se

deixar ensinar pelo modo que cada um se arranja para se manter aquém do surto. Cabe, assim, ao analista tatear um caminho precavido quanto a sua relação ao saber e posicionado quanto ao desejo do analista.

## BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, E. "Estabilizações". In: *Há algo de novo nas psicoses*. Revista Curinga nº14, EBP-MG: 2000.

BASZ, S. "Nomeação". In: *Silicet dos Nomes-do-Pai*, textos preparatórios para o Congresso de Roma: AMP, 2006.

BORIE, J. "A lição das psicoses ordinárias: orientar-se para o real". In: *Latusa*. Rio de Janeiro: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise nº 11, 2006.

CAROZ, G. "Trois noms dans le 'Seminaire inexistant' ". In: *Psychanalyse et ordre public*, Mental. Revue Internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée nº18, Paris: oct. 2006.

DEFFIEUX, J.-P. "Sinthome et suppléance". In: *La lettre mensuelle*, Revue de l'École de la Cause Freudienne, nº 240, Paris: ECF, 2005.

DEUTSCH, H. "Algunas formas de transtorno emocional y su relación con la esquizofrenia" (1942) In: *Revista de Psicoanálisis*, v.25, n.2, 1968.

FIRST, M. B. "Dimensional models of personality disorders", 2004. *DSM-V prelude project: research and outreach*. Disponível em: <http://www.dsm5.org/conference3.cfm> Acesso em: 29 dez. 2007.

FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1987.

\_\_\_\_\_ (1894) "As Neuropsicoses de Defesa", vol.III.

\_\_\_\_\_ (1895) "Rascunho H", vol.I.

\_\_\_\_\_ (1896a) "Rascunho K", vol.I.

\_\_\_\_\_ (1896b) "Novos comentários sobre as Neuropsicoses de Defesa", vol.III.

\_\_\_\_\_ (1911) "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia", vol. XII.

- \_\_\_\_\_ (1912-3) "Totem e tabu", vol. XIII.
- \_\_\_\_\_ (1914) "Sobre o narcisismo: uma introdução", vol. XIV.
- \_\_\_\_\_ (1915) "O Inconsciente", vol. XIV.
- \_\_\_\_\_ (1917 [1916-1917]) "A teoria da libido e o narcisismo", Conferências Introdutórias sobre a psicanálise, Parte III, vol. XVI.
- \_\_\_\_\_ (1923) "O ego e o Id", vol. XIX.
- \_\_\_\_\_ (1924) "Perda da realidade na neurose e na psicose", vol. XIX.
- GUÉGUEN, P.G. "A homeostase sintomática nas psicoses". In: *La lettre mensuelle*, Revue de l'École de la Cause Freudienne, n°211. Paris: ECF, 2002. Versão traduzida (inédito).
- GUERRA, A. M. C. *A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, IP/UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2007.
- HANNA, M. S. G. F. *A transferência na psicose: uma questão*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, IP/UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2000.
- JOYCE, J. *Um retrato do artista quando jovem*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- LACAN, J. (1932) *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_ (1949) "O estádio do espelho como formador da função do eu". In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_ (1953) "O simbólico, o imaginário e o real". In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- \_\_\_\_\_ (1953-54) *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- \_\_\_\_\_ (1954) "Resposta ao comentário de Jean Hippolyte sobre a *Verneinung* de Freud". In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_ (1955-1956) *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

\_\_\_\_\_ (1957) "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud". In: *Escritos, Op. cit.*

\_\_\_\_\_ (1957-58a) "De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose". In: *Escritos, Op. cit.*

\_\_\_\_\_ (1957-58b) *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_ (1958) "A significação do falo". In: *Escritos, Op. cit.*

\_\_\_\_\_ (1960a) "Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade". In: *Escritos, Op.cit.*

\_\_\_\_\_ (1960b) "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano". In: *Escritos, Op. cit.*

\_\_\_\_\_ (1962-63) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_ (1963) "Introdução aos Nomes-do-Pai". In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_ (1964) *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_ (1966a) "De nossos antecedentes". In: *Escritos, Op.cit.*

\_\_\_\_\_ (1966b) "Apresentação das *Memórias de um doente dos nervos*". In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_ (1972-73) *O seminário, livro 20: Mais, ainda*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_ (1974-75) *O seminário, livro 22: R.S.I.*, inédito.

\_\_\_\_\_ (1975) "Joyce, o sintoma" (conferência). In: *O seminário, livro 23: O sinthoma*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

\_\_\_\_\_ (1975-76) *O seminário, livro 23: O sinthoma*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

\_\_\_\_\_ "Documento - o caso Mademoiselle B.". In: *Psicose: Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Ano IV, nº 9, Porto Alegre: Artes e ofícios Ed., 1993.

LAURENT, E. *Estabilizaciones en las psicosis*. Buenos Aires: Manantial, 1989.

\_\_\_\_\_ "Trois énigmes: le sens, la signification, la jouissance". In: *L'énigme et la psychose*, La Cause Freudienne, Revue de psychanalyse, 1993.

\_\_\_\_\_ "Sintoma e nome próprio". In: *Opção lacaniana* n°38, São Paulo: Eólia, dezembro 2003.

\_\_\_\_\_ "Interpretar a psicose no quotidiano". In: *Mental, Revue Internationale de Santé Mentale et Psycanalyse Appliquée*, n° 16, 2005. Versão traduzida por Elsa Santos Neves (inédito).

\_\_\_\_\_ "La psicosis ordinária". In: *¿Como se enseña la clínica?* 1ªed., Buenos Aires: Instituto Clínico de Buenos Aires, 2007.

MANDIL, R. "As nomeações e o sacrifício de Abraão". In: *Revista Curinga* n°3, EBP-MG: 1994.

\_\_\_\_\_ *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MILLER, J.-A. "Esquizofrenia y Paranóia". Em: *Psicosis y Psicoanálisis*, Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1985.

\_\_\_\_\_ "Comentário del seminário inexistente". In: *Comentário del seminário inexistente* (Miller, J.-A. et al.), Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1992, pp.11-43.

\_\_\_\_\_ "Lições sobre a apresentação de doentes". In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996a.

\_\_\_\_\_ "Clínica Irônica". In: *Matemas I. Op. cit.*, 1996b

\_\_\_\_\_ "Des-sentido para as psicoses". In: *Matemas I. Op.cit.* , 1996c.

\_\_\_\_\_ "Forclusión generalizada". In: *Los signos del gozo*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

\_\_\_\_\_ "A invenção psicótica". In: *Opção lacaniana*, n°36, São Paulo: Eólia, 2003a.

\_\_\_\_\_ "O último ensino de Lacan". In: *Opção lacaniana*, n°35, *Op. cit.*, 2003b.

\_\_\_\_\_ "A pulsão escópica". In: *Silet*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_ "Peças Avulsas". In: *Opção Lacaniana*, n°45, *Op. cit.*, 2006.

MILLER, J.-A. et al. *Os casos raros inclassificáveis da clínica psicanalítica - A conversação de Arcachon*. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_ *La psicosis ordinaria: la convención de Antibes*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MILNER, J -C. *Os nomes indistintos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

MUÑOZ, N.M. *Inventar o amor: um desafio na clínica das psicoses*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, IP/UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2005.

QUINET, A. "O número um, o único". In: *Na mira do Outro: a paranóia e seus fenômenos*, Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2002.

\_\_\_\_\_. *Teoria e clínica da psicose*. 2ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

RECALCATI, M. *Clínica del vacío, Anorexias, dependências, psicosis*. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

ROCHA, E. e TENÓRIO, F. "Considerações sobre a clínica da psicose no campo da saúde mental". Disponível em: [www.tempofreudiano.com.br/artigos](http://www.tempofreudiano.com.br/artigos) (Tempo Freudiano Associação Psicanalítica). Out/nov 2004.

SCHREBER, D.P. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

SKRIABINE, P. "La clinique différentielle du sinthome". In: *Quarto*. Revue de psychanalyse, nº 86, Bruxelles, ECF-ACF, Belgique, avril, 2006.

SOLER, C. "A experiência enigmática do psicótico de Schreber à Joyce". In: *Coletânea de textos de C. Soler*. Seminário Internacional, EBP, Salvador, 1997a.

\_\_\_\_\_. "O filho necessário". In: *Os destinos da pulsão*. Rio de Janeiro: Kalimeros; Contra Capa, 1997b.

\_\_\_\_\_. "Autismo e paranóia". In: *autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo*. Sônia Alberti (org.). Rio de Janeiro: Marca d'Água Livraria e ed., 1999, pp.219-232.

SOUZA, N.S. *A psicose - um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

VIDAL, P. *Declinando o declínio do Pai*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, IP/UFRJ, Rio de Janeiro, junho de 2005.

VIEIRA, M.A. "Por uma epistemologia clínica". Texto para o II Encontro Americano do Campo Freudiano, Buenos Aires, agosto de 2005 (versão inédita).



ZENONI, A. "Pertinência da clínica diferencial". In: *Opção Lacaniana* nº25, Op. cit., 1999.

\_\_\_\_\_ "A psicose fora do desencadeamento". In: *Opção Lacaniana* nº28, Op. cit., 2000.